

BLUMENAU

em Cadernos



F. Schildebrandt - Blumenau

Blumenau 150 Anos
1850 - 2000

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

	TOMO	XLI
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU	JANEIRO	2000
26 ANOS	NÚMERO	21

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilson do Nascimento



Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”
ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Imagens de mulheres blumenauenses

Contracapa: mulheres não identificadas.

Capa (esquerda para direita):

Lieselotte Freitag, nascida Schindler;

Frieda Zimmermann, primeira miss de Blumenau;

Edith Gaertner, atriz blumenauense.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO

Ellen Annuseck

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

O Juízo de um escritor americano sobre a colonização germânica de Santa Catarina e sobre o município de Blumenau <i>Marcos Konder</i>	07
No Rio dos Monos <i>José Deeke</i>	16
Na Assistência Social aos Operários e Assistência Médico-Hospitalar, Blumenau é uma das cidades mais importantes do Brasil	26
Minas de Prata do Garcia <i>Siegfried Carlos Wable</i>	31
Lista de moradores da Colônia Blumenau - 1869 <i>Dr. Hermann Blumenau</i>	35
Brava Gente Polonesa <i>Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart</i>	51
Médicos e Farmacêuticos da Era Colonial <i>José Ferreira da Silva</i>	54
Gente, um ser Misterioso / A Confraria <i>Enéas Athanázio</i>	62

**O juízo de um
escritor ameri-
cano sobre a
colonização
germânica de
Santa Catarina
e sobre o
município de
Blumenau**

TEXTO:

**MARCOS
KONDER***



O texto que publicamos nesta edição foi produzido por Marcos Konder e refere-se à obra escrita em inglês, intitulada “A conquista do Brasil”, de autoria do americano Roy Nasch.

O trabalho do autor americano foi realizado no período de 1921 e 1926, quando esteve em visita ao sul do Brasil. Nas suas incursões pelo sul, fez observações sobre a região de Blumenau e demais áreas catarinenses, narrou de forma muito clara as condições do processo colonizador da região sul e fez comparações com as demais áreas do Brasil.

O texto escrito por Konder avalia as observações referentes a Blumenau na perspectiva do olhar do autor. A publicação deveria ter ocorrido no jornal “A Cidade de Blumenau”, durante a visita do Presidente Getúlio Vargas a Blumenau, em 1940. No entanto, foi proibida a divulgação pela censura da época.

Resgatamos as informações para que o leitor e pesquisador possam avaliar as interferências do Estado durante o processo de nacionalização daquele período.

BLUMENAU

Das Urteil eines amerikanischen Schriftstellers über die deutsche Kolonisation in Santa Catarina und in dem Munizip Blumenau¹

Die Liebhaber guter Weine, wenn sie eine Partie garantierter Sorte kaufen wollen, bedienen sich gewöhnlich der „Probemeister“, die alle Typen und Lagen kosten und prüfen und das vorzügliche Produkt vom Minderwertigen auslesen. Dasselbe müssen wir als eifrige Leser tun, wenn es gilt die geistige Nahrung einer guten Lektüre auszusuchen. Um nicht irgend einen Schund in die Hände zu bekommen, lassen wir uns von den Probierern und Aussuchern auf dem literarischen Markte, den Kritikern beraten. Auf diese Weise werden Zeit und Geld gespart.

Aber, da es Kritiker und Kritiker gibt, ist es natürlich ratsam nur die Berater zu erwählen, welche als die unparteiischsten, ehrlichsten und fähigsten Kritiker bekannt sind. Sicherlich sind die wirklichen Führer der literarischen Welt spärlich gesät in unserem Lande, aber unter diesen wäre es ungerecht nicht den paulistaner Schriftsteller Rubens do Amaral als einen der ersten und geschätztesten hervorzuheben.

Wenn Rubens do Amaral als Literat seine Feder nur im Dienste edler und erhabener Ideale stellt, so wird er als Kritiker eher schweigen als ein Werk lobpreisen, das keinen Wert besitzt. Und seine Meinung offenbart er, ohne den dogmatischen Ton eines *magister dixit* anzunehmen; sie ist eher eine familiäre Plauderei mit dem Autor selbst, mit ihm wandert er durch die interessantesten Stellen des vorliegenden Buches und deutet dann und wann auf Mängel und Unvollkommenheiten, und dies offen und frei, ohne Bitterkeit oder Impertinenz. Wer also ein gutes Buch der Jetztzeit ohne Schaden lesen will, der richte sich nach den wöchentlichen Kommentaren, die Rubens do Amaral in der „Folha da Manhã“ von S. Paulo veröffentlicht und in welchen er, ohne Propagandazwecke, für oder gegen, die seinem

¹ N. B. – Dieser Artikel sollte in zwei Sprachen, in der “Cidade de Blumenau” und im “Der Urwaldsbote” veröffentlicht werden als der Präsident Getúlio Vargas im März 1940 Blumenau besuchte. Aber die Zensur der Polizei verbot die Herausgabe in den beiden Zeitungen.

BLUMENAU

O juízo de um escritor americano sobre a colonização germânica de Santa Catarina e sobre o município de Blumenau¹

Os amantes de bons vinhos, quando querem obter um produto de qualidade garantida, recorrem aos “provadores”, que fazem a degustação de todos os tipos e colheitas para discernir, com segurança e presteza, o artigo de excelente qualidade do inferior ou zurrapa. O mesmo devemos, os amigos dos livros, fazer na aquisição do alimento espiritual de uma boa leitura. A fim de não sermos ludibriados com obras de fancaria, recorreremos aos críticos, que são os experimentadores e selecionadores no campo das letras. Assim poupamos tempo e dinheiro.

Mas, como há críticos e críticos, torna-se naturalmente mister escolher entre estes os que, na apreciação das obras literárias, mostram-se os mais imparciais, honestos e capazes. Raros são certamente os verdadeiros orientadores do mundo literário em nosso país, mas entre estes seria injustiça não salientar como um dos primeiros e mais acatados o eminente escritor paulista Rubens do Amaral.

Se, na qualidade de escritor, Rubens do Amaral jamais pôs a sua pena senão ao serviço de causas nobres e elevadas, como crítico, ele prefere silenciar às vezes do que elogiar obras sem valor algum. E o seu juízo ele o expende sem o tom dogmático do magister dixit, antes conversa com o autor, familiarmente, percorrendo com ele as páginas mais interessantes da obra em causa e apontando com franqueza, mas sem azedume ou impertinência, as falhas e os senões encontrados. Por isto, quem quiser apreciar um bom livro da atualidade, bastará guiar-se pelos comentários que Rubens do Amaral publica semanalmente na “Folha da Manhã” de S. Paulo e nos quais, sem intuítos de propaganda, favor ou contra, alheias ao seu espírito elevado de pensador, ele faz a separação do joio e do trigo na messe literária do momento.

¹ N.B.- Este artigo deveria ter sido publicado, em português, na “Cidade de Blumenau”, e em alemão, no “Der Urwaldsbote”, por ocasião da visita do Presidente Getúlio Vargas a Blumenau, em março de 1940. Mas a censura policial resolveu proibir a publicação.

erhabenen Geiste als Denker ganz fernliegen, die Spreu von der Saat auf dem literarischen Felde trennt und ausliest.

Wir müssen eingestehen, dass nur das massgebende Urteil des ausgezeichneten Kritikers der *Bandeirantes* uns verleitet hat, die kostbare Lektüre eines fremdsprachigen Buches zu machen, das vor Kurzem in portugiesischer Sprache erschien, nämlich das Werk des Amerikaners Roy Nash, betitelt „*Die Eroberung Brasiliens*“ (The Conquest of Brasil).

Wie Rubens do Amaral ganz richtig bemerkt, sind es der ausländischen Schriftsteller oder Reisenden sehr wenige, die über Brasilien mit Aufrichtigkeit und genauer Sachkenntniss ihr Urteil abgeben. Die Einen treiben eine aufs Aeusserste gesteigerte Lobhudelei und leisten damit vielleicht eine bestellte Propaganda; Andere bekritteln und verleumden, entweder aus Unkenntnis oder aus hinterlistigem bösen Willen. Nicht so dieser vortreffliche Amerikaner, übrigens ein angesehener Schriftsteller und Autorität in der Forstwissenschaft der USA, er stimmt weder wohlfeile oder teure Loblieder an, noch lässt er sich von einer verbissenen und eigennützi-gen Kritik beherrschen. Im Gegenteil. Sein Werk ist ein unparteiisches und dokumentiertes Studium von anthropo-geographischen, ethnologischen, sozialen und politischen Gesichtspunkten aus betrachtet und geht von den Anfangszeiten der ersten Besetzungseinwohner der brasilianischen Erde – den südamerikanischen Indianern – bis zur definitiven Eroberung durch Portugiesen und Afrikaner. Der historische Ueberblick in dem ersten Buche – der Kolonisation – umfasst nicht weniger als 5 Kapitel, nämlich: das Entdeckungsjahr; die Frucht; die Erde; die Aussaat und das Anno Domini 1926, in welchem Jahre der Autor Brasilien verliess. In dem 2. Buche studiert er die Wohnungsverhältnisse auf dem Lande, das Transportwesen, die Kulturfelder, die nützlichen Haustiere, die mineralische Ausbeutung und die Ausrottung der Wälder und wilder Tiere. Das 3. Buch ist „einigen wichtigen Faktoren für das menschliche Glück“ gewidmet, wie Handelsfreiheit, häusliche Beziehungen, Erziehung, Kooperation, Gesundheitswesen usw. Das vierte und letzte Buch umfasst einige Gedanken und Betrachtungen über die Zukunft unseres Landes. Um dieses tiefschürfende Werk zu schreiben, hat Roy Nash ganz Brasilien, ausser den Staaten Piauí und Goiás, wähen 5 Jahren bereist, d. h. von 1921 bis 1926, und persönlich Daten und Eindrücke gesammelt. Alle diese Umstände machen aus dem Buche von Roy

Devemos confessar que foi assim, louvando-nos na opinião autorizada do insigne crítico da terra bandeirante, que tivemos ocasião de nos deliciar com a leitura de um livro estrangeiro, em recente tradução bem feita de Moacyr N. Vasconcellos – a obra do americano Roy Nash, intitulada “A Conquista do Brasil” (The Conquest of Brasil).

Como observa muito bem Rubens do Amaral, poucos estrangeiros têm escrito sobre o Brasil com sinceridade e conhecimento de causa. Uns elogiam bastante, fazendo uma propaganda talvez de encomenda; outros criticam e denigrem ou por ignorância ou por despeito e má fé. Este ilustre americano que, além de escritor consagrado, é autoridade em matéria florestal nos Estados Unidos, não se compraz no elogio barato ou carô nem na crítica mordaz e interesseira. Muito pelo contrário. Ele realizou um estudo imparcial e documentado sob o ponto de vista antro-po-geográfico, etnológico, social e político que vai desde os tempos dos primeiros ocupantes do solo brasileiro – os ameríndios – até a definitiva conquista pelos lusos e africanos. A apreciação histórica abrange no Livro I, o da Colonização, nada menos de cinco capítulos, a saber: Ano do descobrimento; a Semente; a Terra; a Semeadura, e Ano Domini 1926, data em que o autor deixou o Brasil. No Livro II ele estuda as habitações da zona rural, os transportes, os campos de cultura, os animais domésticos, a exploração mineral e a devastação de matas e animais. O terceiro livro é dedicado a “Alguns fatores essenciais à felicidade humana”, como sejam liberdade de comércio, relações domésticas, educação, cooperação, saúde etc. E o último e quarto encerra alguns pensamentos e prognósticos em relação ao futuro do nosso país. Para escrever esta obra de fôlego Roy Nash percorreu o Brasil durante cinco anos – de 1921 a 1926 –, viajando por todos os Estados, com exceção de Piauí e Goiás e colhendo assim pessoalmente dados e impressões. Graças a estas circunstâncias, o livro Roy Nash merece ser apontado como um dos melhores, relativamente mais completos e mais notáveis que já se escreveram sobre o Brasil.

Não é nossa intenção alongar-nos nas considerações sobre esta obra, que já mereceu, como dissemos, as honras de uma apreciação justa de um dos mestres da crítica literária brasileira. Apenas nutrimos o propósito, ao chamarmos a atenção dos leitores sobre este livro, de respingar nele dois trechos, que dizem de perto com Santa Catarina e especialmente com a po-

Nash eines der besten, relativ komplettesten und hervorragendsten Werke, die je über Brasilien geschrieben worden sind.

Es liegt nicht in unserer Absicht noch gestattet es der verfügbare Raum für diese Besprechung näher auf dieses Buch einzugehen, zumal es schon der Ehre teilhaftig wurde von einem Meister der literarischen Kritik begutachtet zu werden. Unsere kurzen Ausführungen verfolgen heute lediglich den Zweck zwei Stellen aus diesem Buche herauszugreifen, welche direkt Santa Catarina betreffen und speziell auf die deutsche Kolonisation und ganz partikular auf das Munizip Blumenau Bezug nehmen. Wenn wir die beiden Stellen lesen, die erste über die Landhäuser der Brasilianer deutschen Ursprungs und die zweite über das Strassenwesen Blumenaus zur Zeit des Bürgermeisters Alwin Schrader, können wir nicht umhin mit intimer Genugtuung festzustellen mit welcher zutreffenden Sicherheit und mit welchem Gerechtigkeitssinn ein hundertprozentiger Amerikaner das verdienstvolle und patriotische Werk der Deutschbrasilianer in unserem Staate zu würdigen wusste. Ein solches Urteil, von einem Ausländer ausgesprochen, gereicht uns mehr als je zur Ehre und zur Stärkung.

Unter dem Titel – Ziegelwohnhäuser – schreibt der Autor auf Seite 244 Folgendes:

„Wenn der Reisende die deutschen Kolonien Santa Catarinas betritt, überkommt ihn der Eindruck als wenn er in ein anderes Land versetzt worden wäre. Wie verschieden sind doch die Schablonen der mehr erläuterten Zivilisation! Diese strebsamen Bauern des Norden Europas verarbeiten dieselben Materialien, welche zu dem Aufbau der brasilianischen Hütten verwandt werden – Holz und Lehm – aber was aus ihren Händen kommt, vermag nicht im Mindesten mit den Strohhütten verglichen zu werden. In den blühenden Munizipien von Joinville und Blumenau wird das Bauholz nach geometrischen und interessanten Zeichnungen verarbeitet und verbindet Festigkeit und Ausdauer mit der äusserlichen Verzierung des Hauses; die Lehmmasse wurde nur geformt und gebrannt, weiter Nichts. Dennoch hat dieser einfache Prozess dem Hause einen rötlichen Ton verliehen, gepaart mit einer Dauerhaftigkeit und Widerstandsfähigkeit, wo kein „Barbier“ (der Erreger der „Chagas“ Krankheit) sich einnisten kann.

Die Ziegel, mit denen diese Häuser gedeckt sind, besitzen eine flache, gepresste Form und bilden eines der besten Dächer der Welt. Ein

pulação de origem germânica do norte do Estado e ainda muito particularmente com o município de Blumenau. Transcrevendo em seguida os dois tópicos, o primeiro, em que Roy Nash se refere às habitações dos brasileiros de descendência germânica, o segundo, no qual expende considerações sobre as estradas de rodagem de Blumenau, ao tempo da Superintendência de Alwin Schrader, verificamos com satisfação íntima como um americano cem por cento soube julgar com acerto e avaliar com justiça a obra meritória e patriótica realizada pelos colonizadores teutos na terra barriga-verde. E semelhante juízo, partido de um estrangeiro ilustre, é um dos que mais nos honram e confortam.

Sob o título – Casas de tijolos – escreve o autor a páginas 244 o seguinte:

“Quando o viajor entra na zona das colônias germânicas de Santa catarina, tem a impressão de se ter transportado para outro país. Como são diferentes os padrões de uma civilização mais apurada! Esses camponeses industriais, do Norte da Europa, trabalham com os mesmos materiais que entram na construção da choupana brasileira – madeira e barro – mas, o que lhe sai das mãos nem de leve se pode comparar à casinha de sapé. Nos florescentes municípios de Joinville e Blumenau a madeira é trabalhada em desenhos geométricos, interessantes, que revelam habilidade e resistência ao mesmo tempo que adornam o exterior do prédio; o barro foi amoldado e queimado, nada mais. Entretanto esse processo simples emprestou uma magnífica tonalidade vermelha aliada a uma durabilidade e uma resistência que nenhum “barbeiro” (moléstia de Chaga) conseguirá vencer.

As telhas de que são cobertas as casas têm formato achatado e são fabricadas sob pressão, proporcionando um dos melhores tetos do mundo. Uma chaminé para aspirar o fumo da cozinha, pintura escura nas encurvas do madeiramento, cores vivas nas esquadrias das janelas e das portas – quando plantadas em meio de um jardimzinho bem cuidado, essas construções rurais proporcionam os mesmos pitorescos cenários que tão amiúde se encontram pelo interior da Europa. **Não conheço nenhuma zona agrícola nos Estados Unidos com casas tão uniformemente atraentes e nem tão apropriadas à região, como nessa parte meridional do Brasil.**

Schornstein für die Küche, ein dunkler Anstrich an den Balken des Fachwerkes, lebende Farben an den Winkelhölzern der Fenster und Türen – wenn Alles noch von einem kleinen gepflegten Garten umsäumt ist, formen diese Landhäuser dieselben farblichen Szenerien, wie man sie häufig im Innern Europas antrifft. Ich weiss keine Ackerbauzone in den Vereinigten Staaten, in der die Häuser so gleichmässig entzückend und so der Gegend angepasst sind, wie in diesem südlichen Teilen Brasiliens.

Die Lösung für das Landwohnhaus braucht der Brasilianer nicht anderswo zu suchen. Das nötige Material findet sich überall und die arbeitssamen Brasilianer von Blumenau haben gezeigt, wie man es verarbeitet. Wahrhaftig, die brasilianischen Städte könnten die Lehre ausnutzen, die das ländliche Santa Catarina hier bietet. Die Ziegelhäuser aus weichem Tone, wie man heute noch baut, nur von einer Mörtelschicht bedeckt, können binnen 50 Jahren nicht im Mindesten mit den Häusern Blumenaus verglichen werden.“

Auf Seite 297 desselben Buches finden wir unter dem Titel – Transportwesen – noch folgende Referenzen über die Strassen in den deutschen Kolonien von Santa Catarina: Fahrstrassen:

„In den deutschen Kolonien Santa Catarinas befinden sich die besten Strassen von natürlichem Pflaster ganz Brasiliens. Ihre Erwähnung kann nicht genug übertrieben werden. Sie sind ebenso gut wie die besten derselben Art in der ganzen Welt. Und die Bauern dieser Region wissen den Wert derselben zu schätzen. „Wie wäre es möglich unsere hervorragende Entwicklung zu realisieren“, bemerkt der Verfasser des Jahresberichtes der Gemeinde von Blumenau im Jahre 1919, „wenn wir nicht unser weitverzweigtes Strassennetz geplant, gebaut und erhalten hätten?“, Von der Gründung des Munizips im Jahre 1883 bis 1919 wurden nicht weniger als 63% der Gemeindecinnahmen für Strassen und Brücken angewendet. Das Munizip besitzt heute 1.550 Meilen (2.480 Km) Fahrstrassen mit fast 4 Meter Breite, die nicht nur von Fuhrwerken, sondern auch von Automobilen zu jeder Jahreszeit befahren werden können; ausgenommen nur die Strecken der entlegensten Tiefen, die nur bei Regenperiode unpassierbar sind. Wir rollen auf diesen Strassen mit einer durchschnittlichen Geschwindigkeit von 50 km pro Stunde, mit Leichtigkeit und Konfort.“

Blumenau, im März 1940.

O brasileiro não mais terá que procurar a solução para o problema da habitação rural. O material necessário encontra-se em qualquer lugar e esses laboriosos brasileiros de Blumenau mostraram de maneira esplêndida como trabalhá-los. De fato as cidades brasileiras poderiam aproveitar-se da lição que lhes oferece o campo de Santa Catarina. As casas de tijolo mole que ainda hoje se constróem, protegidas por uma camada de argamassa, por mais atraentes que sejam enquanto novas, dentro de 50 anos não poderão sofrer a mais leve comparação com os edifícios de Blumenau”.

Ainda na página 297 do mesmo livro encontramos no capítulo “Transportes” as seguintes referências sobre as estradas das colônias alemãs de Santa Catarina: Estradas de rodagem:

“Nas colônias alemãs de Santa Catarina, encontram-se as melhores estradas de superfície natural, em todo o Brasil. Jamais poder-se-á exagerar a sua descrição. São tão boas como as melhores no gênero, em qualquer parte do mundo. E os agricultores da região sabem dar-lhes o devido valor: “Como teria sido possível realizar tão notável progresso” indaga o autor do relatório anual da Municipalidade de Blumenau, em 1919: “se não tivéssemos planejado, construído e conservado o vasto sistema rodoviário que hoje possuímos?” Desde a criação do município, em 1883, até 1919, nada menos de 63% das rendas da Prefeitura foram aplicadas na abertura de estradas e na construção de pontes. O município possui atualmente 1.550 milhas (2.480 quilômetros) de rodovias com quase quatro metros de largura, transitáveis não somente por veículos de roda dura, como também por automóveis, durante todas as épocas do ano, com exceção dos trechos situados em pontos mais remotos e durante o período das chuvas. Locomo-nos a cerca de 50 quilômetros a hora, por essas estradas, com facilidade e conforto.”

Blumenau, em março de 1940.

Histórias ao Redor da Fogueira do Acampamento

No Rio dos Monos¹

TEXTO:

JOSÉ
DEEKE*

BLUMENAU
em Cadernos

Para a presente edição desta “revista”, selecionamos o conto “No Rio dos Monos”, excerto extraído da obra inédita, escrita em língua alemã, “Am Lagerfeuer” (Ao redor da Fogueira do Acampamento) de autoria do historiógrafo José Deeke, que no penúltimo capítulo da extensa produção consubstanciando histórias acerca do cotidiano regional catarinense a intitulou “AM RIO DOS MONOS”.

Trata-se de um breve relato, romanceado, porém não desprovido de autenticidade veraz das ocorrências, acerca de episódios vividos pelo autor nos anos de 1901 e 1902, quando realizava as primeiras demarcações dos lotes coloniais para a Cia. Colonizadora Hanseática na região do alto Rio Hercílio.

Ao antropólogo sagaz certamente não passarão despercebidas as interessantes informações relativas a determinados procedimentos dos silvícolas que naquela época, anterior ao aldeamento, infestavam aquelas plagas. José Deeke neste conto revela, entre outros, fatos que até o presente deixaram de constar da literatura específica sobre o comportamento dos “Xockleng”, como a estranha prática de executar “tranqueiras de taquaras” nas picadas abertas pelo branco colonizador. O que realmente pretendiam os indígenas com tal engenho trançado? Nem mesmo o autor exprime consideração categórica e nisso fica-se a supor as mais diversas hipóteses para explicá-las.

Na sequência consta o conto “Disposições Coincidentes do Destino”, como derradeiro capítulo da obra original, trecho que pretende-se publicar nas próximas edições desta “revista”, no qual o autor dá continuidade ao enredo de “O fantasma da Barra Morta” quando então, revigorando a historieta, infunde ao episódio um matiz de “final feliz” ao conferir-lhe um desfecho inusitado.

* José Deeke – agrimensor e cartógrafo. Autor de livros e numerosos artigos sobre a região do Vale do Itajaí. Sua obra mais famosa intitula-se: “O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento”, publicada originalmente em alemão pela editora Rotermond & Cia. (São Leopoldo, 1917, em três volumes); e, em 1995, em português (Blumenau, Editora Nova Letra).

Tradução: Edith S. Eimer / Niels Deeke.

Notas de fim e apresentação redigidas por Niels Deeke.

Naquela manhã a turma de demarcadores não saiu muito cedo para o trabalho. Seria necessário ir bastante longe para tomar a linha de profundidade e o traçado desta, convergindo em direção ao acampamento, estaria concluído até as dez ou onze horas da manhã. Aproveitando a circunstância, Rankow resolveu proceder a uma exceção na rotina diária - ou seja, almoçariam no local do acampamento da noite. Desta maneira poderiam fazer mais tranquilamente a refeição, e após seguiriam avante, sobrando tempo para preparar novo rancho onde estacionariam em bivaque.

As tarefas decorreram conforme o planejado e Anton Goerz pôde naquele dia servir aves fritas na caçarola, pois Heuer havia, próximo dali, abatido tucanos e também aves de chão². Durante a tarde o serviço progrediu muito e à noite chegar-se-ia com a linha até local previamente escolhido para acampar, e mesmo que o abrigo não estivesse concluído, então com o concurso de todo o pessoal, não tardaria a ficar pronto.

Ainda naquele dia, depois do almoço, o ambiente tornou a ficar algo carregado, e nesse quadro se inseria Jansen esboçando sua carranca de sempre. Rankow e Schwarzel recordavam a história ouvida na noite anterior e desta forma cada qual estava envolto com suas próprias meditações, mas paulatinamente os ânimos foram serenando e a prosa evoluiu, primeiro surda, baixa e lenta para segui-la, um crescendo mais elevado e alegre. Discorriam sobre a caça e a vida na floresta.

– Sabem vocês, exclamou o suíço em voz alta, – se lá na minha terra tivessem me dito que aqui eu andaria, dia após dia, por tão imensa floresta sem ver uma só caça, jamais teria acreditado.

– Sim, bem posso compreender. Todos os que vêm da Europa se surpreendem com isto, confirmou Kerber. – Sou filho de cidade grande, pouco vi das florestas e campos, mas naquelas que observei lá na velha pátria, pelo menos havia muito mais animais selvagens que por estas bandas.

– Aqui um caçador clandestino morreria de fome, fez-se ouvir Mastner que estava com as palavras embaladas na ponta da língua. – Na Europa o caçador ilegal, caso apanhado, é severamente punido, mas aqui, muito ao contrário, castigo pesado seria alguém ser condenado a viver por algum tempo como caçador clandestino.

– Não digam bobagens, interrompeu Rankow sorrindo. Mas Schwarzel, atalhando apoiou os primeiros.

– Também acho que eles têm razão, disse voltando-se para Rankow, – e isto o senhor pessoalmente deve ter observado na Europa. Lá basta passar

perto da floresta para apreciar lebres saltarem, além de diversos bichos de pêlo e mesmo cervos aparecem diante de nós.

Sim, quanto a isto concordo, disse Rankow rindo para Schwarzel. Louvados sejam os animais silvestres da Europa, mas só pela circunstância de não encontrarmos aqui, em nossa floresta, durante o dia, qualquer espécime, isto, absolutamente não é motivo para afirmar que neste lugar não haja caça. Adiante, no rio Escuro, onde inclusive há alguns dias, você esteve comigo, realmente não havia caça, mas isto tinha seu motivo. Rankow pausou e depois de fixar Schwarzel com um breve olhar que traduzia experiência, continuou: – Por aqui há muito mais caça do que você imagina. Não ouviu quando os cães, algumas vezes, se manifestaram e correram em direção ao rio? Durante a medição, quando o traçado passava próximo à aguada, também foi possível ouvir barulho dos “Plumps” que o choque do pulo das pacas provocava n’água ao desaparecerem na correnteza. Minha vontade era de correr até lá para abater a caça, mas em nosso trabalho não há tempo para caçadas e por isso os cães já nem perseguem mais suas eventuais presas, tornando-se indolentes e preguiçosos. Caso fizéssemos uma caçada então veriam quanta caça há por aqui!

– Está bem, falou Kerber com calma, – concordo com a explicação, pois na minha colônia já comi dúzias de pacas assadas e não foram poucas as vezes em que apanhei um animal desses nas armadilhas que eu próprio fiz. Caiei ainda outros animais, mas o que quis dizer é que fico intrigado com o fato de que nesta floresta não se chegue a ver um só deles.

– Nós diariamente vemos alguma coisa, disse Anton Goerz entrando na conversa.

– Certamente terão melhores olhos que nós, interrompeu o suíço debochando.

– Pode ocupar o meu lugar na canoa, retrucou áspero Anton, dirigindo-se ao suíço empregando o tratamento grosseiro dos colonos – aí você verá!

– Sim, disse Heuer, – isto é verdade. Topamos diariamente com bandos inteiros de capivaras refesteladas nas margens do rio e uma infinidade de rastros na lama das barrancas demonstram quantos animais vão à noite até lá para beber água ou cruzar o curso do rio.

– E pegadas humanas, até bem frescas, foi possível constatar, completou Anton.

Heuer secundando-o concordou afirmando sério:

– É isso mesmo, inclusive rastros humanos.

– Alguns índios? Duvidou Rankow, – Não é sempre o rastro de um só homem?

E quando Heuer e Anton concordaram, ele continuou:

– Estes são os espias dos selvagens. Não fazem mal algum, só querem saber o que pretendemos e se assegurarem de que não planejamos algum ataque ao seu acampamento.

Ao ouvirem o dito, fizeram relativo silêncio que foi quebrado pela sonora exclamação do suíço:

– Enfim por que diabos³ não dá um tiro num destes “Kappenwahr”, (ao assim denominar em seu português enxacoco as “capivaras”) ou como vocês chamam esses bichos e o tragam para cá a fim de que possamos cozinhá-lo com o feijão?

– Que porcaria, atalhou Mastner enojado, cuspendo no chão, prefiro passar fome a comer um bicho tão catinguento!

– Devagar com o que diz, admoestou Rankow, – tão forte o fedor não é. Já comi, diversas vezes, carne de capivara e o sabor chega a ser gostoso!

– Pois eu não como, redarguiu Anton áspero. – Contudo matar uma delas não é difícil, até com uma pistola posso abatê-las, pois sempre permitem que nos aproximemos bastante antes de saltarem n'água. Quem sabe amanhã traremos uma.

E realmente quando no dia seguinte retornaram ao acampamento, lá estava esticado um animal grotesco, quase quadrado.

– Poderíamos ter atirado em mais delas, explicou Anton, – pois como hoje de manhã estava um pouco frio, os animais preferiram ficar na arcia da margem ensolarada permitindo que chegássemos bem perto.

– Muito bem, então tire o couro do animal para que possamos temperar nosso feijão com a carne, disse Rankow demonstrando apetite.

– Não! Não façam isso! – Protestou Anton horrorizado. – Se puserem esta carne no feijão irão estragar tudo e não comerei mais nada e talvez outros também deixarão de comer.

– Está bem, riu Rankow, – se é assim, quem quiser experimentar que faça seu churrasco.

Quatro dos homens começaram a tirar o couro do animal e a estripá-lo, o que fizeram com muita agilidade e rapidez. Em seguida passaram a retalhar a carcaça e nisso começou a exalar um cheiro horrível que tirou o apetite de todos.

– Quem quiser, disse Rankow apertando o nariz, – que corte logo seu pedaço, depois jogaremos o resto no rio.

Ninguém aventurou-se a experimentar e acabaram atirando a carcaça, vísceras e demais despojos do animal no rio. Rankow já havia participado de caçadas a capivaras e igualmente tinha ajudado na limpeza e preparo da carne

destes roedores. Não poucas vezes comeu sua carne, todavia um cheiro tão desagradável e penetrante, jamais percebeu, e estranhou esta particularidade que ali constatava, supondo que talvez aquele espécime fosse uma variedade ou ainda que a causa fosse resultante da alimentação diferenciada a que procediam os animais naquela região.

No dia seguinte não foram muito adiante devido ao desvio que precisaram fazer para contornar uma grande queda d'água. Tiveram que abrir extensa picada numa das margens e através dela transportar as canoas sobre os ombros. Conforme alegavam os canoeiros, todo aquele imenso trabalho seria em vão porque pouco adiante o rio não seria mais navegável e por isso haviam levantado o acampamento. Como naquele ponto realmente o rio apresentava algumas corredeiras mais acentuadas, Rankow, no início, deixou-se enganar, porém logo percebeu que os remadores haviam faltado com a verdade e quando pediu-lhes explicações, acabaram confessando que estavam com medo dos índios e por isso não dariam prosseguimento à expedição pela água.

Disseram que já abaixo da cachoeira haviam se sentido inseguros, apesar do rio naquele trecho ainda ser relativamente largo e as margens se apresentarem relativamente desbastadas. Mas a partir daquele ponto a mata adensava muito, além de estender-se a partir das margens até o meio do rio e por isso os índios nem mesmo precisariam usar arcos e flechas se quisessem atacá-los; poderiam simplesmente ficar postados nas barrancas e atingi-los com suas lanças.

Rankow, considerando tal circunstância, resolveu fazer o percurso do último trecho da expedição sem as canoas. Esta providência só era viável em razão dos suprimentos já estarem bastante reduzidos e conseqüentemente não haver muito o que carregar; se bem que o trabalho ficasse mais difícil e lento, impossibilitando uma progressão tão rápida quanto antes. Passou-se a laborar nas medições tendo como ponto de partida sempre novo acampamento, feito durante o dia, ao qual retornava-se ao final da cada jornada. Na manhã de novo dia toda a bagagem era transportada até o final da linha, onde montavam novo acampamento. Com este vai e vem, diariamente perdiam de duas a três horas, tanto com a caminhada como com a organização da desmontagem e preparo do bivaque. Acrescendo as dificuldades, sempre pior tornava-se o terreno e o exaustivo trabalho terminou com as longas permanências junto à fogueira, pois estafados todos logo se deitavam tomados pelo sono.

A satisfação foi grande e todos respiraram aliviados quando as medições atingiram a distância, em quilômetros, que Rankow assumira pelo contrato - a progressão da marcha estava concluída e o retorno marcado para o dia seguinte.

No entanto a volta era tão interessante quanto perigosa. Interessante porque foi possível verificar que os animais selvagens tinham feito uso da picada em muitos lugares. As antas (tapires) pisotearam com suas patas “paquidérmicas” as áreas limpas e parecia até que tinham sido atraídas pelos primeiros sinais da cultura, pois era evidente que diversos animais preferiram acampar bem próximo das veredas que a expedição abriu na selva.

Sua presença foi sentida pelos cães que as afugentaram até a água com seus latidos. Foi uma pena que não houvesse tempo para caçá-las, todavia o que fariam com um animal daquele porte?

Pelo menos o suíço aproveitou algo quando viu passar, em desabalada carreira, duas antas. Viveu até uma pequena aventura, quando a segunda anta depois de ultrapassar uma poça cheia de água da chuva, emergindo bem a sua frente continuou a correria em sua direção. Nisso despertou-lhe o espírito de valente caçador e sacando seu facão resolveu abater o animal. O feito porém não seria tão fácil quanto imaginava, pois não suspeitava quão duro, grosso e resistente é o couro de uma anta. Contudo nem isto pode comprovar, porque mal o bicho o avistou, levantou a tromba, abriu a boca e se lançou sobre o pretensioso caçador. O bom suíço jamais esperava por isso e esquecendo toda sua valentia venatória, deixou cair o facão e fugiu gritando para um emaranhado de raízes aéreas de um tronco de árvore, junto as quais sossegou seu temor.

A anta, assustada com os berros do suíço e de seus colegas, deu rápida meia volta e continuou o galope, enveredando em direção ao rio. Nosso suíço não precisou esperar pelas brincadeiras de gozação e deboche das quais foi alvo e estas lhe eram tanto mais desagradáveis quanto menos as entendia - roía-se de ódio dentro de si. Sem dúvida isto de nada adiantava e Kerber tinha razão quando lhe dizia:

– Não deve se importar com a troça, esteja feliz por não ter perdido um braço, uma perna ou até mesmo a cabeça!

A turma percorria a picada em grupos separados. Alguns vinham poucos metros atrás, outros mais afastados e os últimos nem mesmo eram ouvidos, tão distantes estavam uns dos outros.

De repente o homem da dianteira parou e estático torceu primeiro o pescoço à direita, depois à esquerda, fazendo a seguir sinal para o colega se aproximar. Os dois confabularam em voz baixa e afastaram algumas taquaras que tinham sido espetadas de través na trilha, após continuaram devagar para logo tornarem a parar.

Neste ínterim também chegaram os demais.

– O que está acontecendo aqui? Indagou Rankow.

– O senhor certamente agora irá à Pedra Grande. E o que faria eu lá? Prefiro ficar com Heuer e trabalhar com ele. Talvez quando o senhor retornar às suas medições na floresta, possa acompanhá-lo e prestar melhores serviços do que agora.

Rankow entendeu. – Portanto tenho três homens a menos, matutou consigo, – os luso-brasileiros logo estarão em casa, Kerber e Mastner pelo menos irão até Pedra Grande, pois moram lá. Sobram o suíço e Jansen. O que decidirão eles?

Nesse entretempo viram um adolescente aproximando-se da estação. O moço não ficou pouco admirado de ver tanta gente. Por seu intermédio souberam que pouco distante rio abaixo, encontrava-se acampada uma grande turma de operários da colônia, encarregada de construir um abrigo para imigrantes. Alguns dos operários tinham trazido seus cavalos e o rapaz foi enviado para observar suas condições na pastagem.

– Hurrah - berrou o suíço, ao ouvir aquela informação, – é prá lá que eu vou e ali ficarei.

Jansen permanecia sentado, como sempre apático, ocupado com suas próprias lucubrações. Rankow olhou-o pensativo - o destino do homem lhe interessava e achou que talvez, se estivesse com ele a sós, Jansen poderia ser companhia bastante tratável, e dirigindo-lhe suas palavras inquiriu

– Senhor Jansen, o que pretende fazer daqui para a frente ?

Jansen se ergueu e como que sobressaltado respondeu :

– O que farei ? Isto ainda não sei.

– Mas com certeza não pretende ficar aqui , como Schwarzel e o suíço?

– Não, tartamudeou Jansen.

– Por que não vai comigo para Pedra Grande? Propôs vagamente Rankow.

A esta pergunta Jansen não respondeu prontamente. Sem jeito, olhava à sua frente. Para si era manifestamente incômodo ser inquirido desta forma e se fosse outro que não Rankow, sem dúvida teria respondido algo muito diferente.

Rankow adivinhou-lhe os pensamentos e argumentou :

– O senhor nada diz e isso, por si só, já uma resposta. Creio que esteja sem saber se vai ou não à Pedra Grande, pois não fez ainda plano algum para o futuro - isto me basta. O que pensa se por enquanto ficasse comigo?

Admirado, Jansen mirava Rankow. – Isto bem que gostaria, disse , – mas a turma está desfeita; o senhor irá para casa.

– Para casa? - Murmurou Rankow compenetrado.

– Não, para casa não irei ⁷ por muito tempo, mas para Pedra Grande necessito ir, para lá permanecer pelo período que se fizer necessário a fim de executar os trabalhos de gabinete relativos às medições ora procedidas. E quem sabe depois disso ainda possa ficar um pouco por lá, até que tudo recomece num lugar qualquer dessa imensa floresta. Num hotel não pretendo me hospedar, prefiro alugar uma pequena casa, se for possível na periferia, onde haja um pequeno pasto e também um jardim. Lá poderíamos manter os cavalos, criar uma dúzia ou mais de galinhas - isto seria maravilhoso. Entretanto complementemente solitário não me agradaria ficar, e por isto pensei, Jansen, que se me fizesse companhia, seria ótimo, porém neste entretempo só poderei pagar um ordenado muito módico.

Os olhos de Jansen estavam marejados de lágrimas. Comovido estendeu a mão a Rankow.

– Nenhuma palavra mais sobre ordenado - disse ele, - se me quiser levar como disse, estou pronto a segui-lo.

Notas de Fim:

1) Rio dos Monos: Trata-se do terceiro afluente à margem direita do Rio Krauel e está atualmente contido no município de Wittmarsun SC. Após a sede município de Presidente Getúlio SC, são os seguintes os tributários da margem direita do rio Krauel, de jusante para montante: 1º ribeirão Boa Vista; 2º ribeirão Posto; 3º Rio Monos; 4º ribeirão Cambará; 5º ribeirão Katangára. (Vide “Mapa do Município de Blumenau” - organizado por José Deeke por ordem do Sr. Superintendente Municipal Sr. Curt Hering - 1924. Escala 1: 250.000 - Original - Impresso in “*Lithographie und Druck*” von F. A. Brockhaus - Leipzig - a cores. Local AHJFS. - Mapoteca nº 007)

2) Aves de chão: Na região do Vale do Itajaí, eram consideradas peças objeto de tiro pelos caçadores, as seguintes “Aves de chão da Mata Atlântica”: Urus, inhambus, macucos, jaós, galinhas do mato e rolões.

3) Diabos: consta do original: “Hergottssakrament”. («pelos», Sacramentos Divinos).

4) Rio Escuro: Pela descrição do autor, tratar-se-ia de algum afluente do rio Krauel, este então denominado rio da Floresta. Os mapas anteriores a 1904 não consignam as denominações da maioria dos diversos riachos tributários diretos ou indiretamente do Rio Hercílio, nomes que só posteriormente foram oficialmente estabelecidos

5) Rio da Floresta: citado na nota nº 1: Rio dos Índios, posteriormente denominado Rio Krauel, na região a montante da península que o rio Hercílio forma em Nova Bremen, do qual é tributário.

6) Pedra Grande: na presente obra significando o substituto do topônimo para a cidade de Blumenau.

7) Para casa não irei: O jornal “Blumenauer Zeitung” nº 29 de 20/7/1901, comentando as edificações daquele ano, faz constar: ... “Mais adiante encontramos, na “Krippengasse” (rua das manjedouras ou das estrebarias) a casa do senhor José Deeke, em construção.

Fragmentos de Nossa História Local

***Na assistência
social aos
operários e
assistência mé-
dico-hospitalar,
Blumenau é
uma das cida-
des mais impor-
tantes do Brasil***

Focalizamos em rápida reportagem o problema da assistência social aos operários e assistência médico-hospitalar, mostrando aos nossos prezados leitores aspectos interessantes e revelando a posição importante que Blumenau ocupa entre os principais municípios brasileiros.

Não nos foi possível visitar todas as Indústrias. Seria uma tarefa difícil e acima das nossas próprias forças. E os dados, naturalmente, são resumidos, pois, do contrário, ocupariam muitas páginas, tal a variedade e magnitude do problema. Também, falta entre as indústrias uma das mais destacadas, cuja assistência social é realmente notável. É a Empresa Industrial Garcia, a quem convidamos por carta, sem que tivesse qualquer despesa, uma vez que o nosso interesse é focalizar e mostrar Blumenau em toda a sua pujança e grandeza...

Neste número, portanto, mostramos o carinho como que o problema social é abordado pelas indústrias blumenauenses, o clima de compreensão existente entre empregadores e empregados e a leitura destas linhas pelos nossos deputados federais, Ministros do Trabalho, Educação e Saúde, representantes do povo na Assembléia Legislativa Estadual, Governo da República e do Estado há de ser útil, naturalmente, para a defesa dos justos interesses da coletividade blumenauense.

A assistência médico-hospitalar, representada pelos Estabelecimentos particulares (o Hospital Santo Antônio é uma exceção) é uma das mais adiantadas do Brasil e notável é a contribuição dos órgãos do governo (esperamos mostrar com detalhes, oportunamente), tais como Centro de Saúde, Samdu, Sesi e Sesc, etc.



Fonte: Revista "O Vale do Itajaí", maio de 1956, ano XII, n.109.

Com esta pequena reportagem, tivemos um objetivo: dar a Blumenau a posição que merece entre os grandes centros brasileiros. Que os bons industriais blumenauenses compreendam esta nossa atitude e o nosso ardente desejo.

Empresa Força e Luz Santa Catarina S/A - Organização das mais importantes em Blumenau, a quem o parque industrial blumenauense deve grande parte de seu esplêndido desenvolvimento, mantém a Emp. Força e Luz Santa Catarina, além de caixa de aposentadoria, a que está sujeita por lei, um serviço de abastecimento ao pessoal, para fornecimento de gêneros de primeira qualidade, sem aumento de custo (SAP). Realiza o seguro em grupo, coletivo, obrigatório. Ninguém pode ser funcionário sem estar segurado pela empresa.

Mantém, ainda, uma verba denominada “Fundo de Assistência aos Empregados”, cuja finalidade é a de amparar os empregados e funcionários quando os mesmos não possam ser atendidos pela caixa de aposentadoria, além de outros casos em que a caixa não tem interferência direta. Com esta nobre atitude, a empresa apoia o funcionário honesto e dedicado, auxiliando-o, muitas vezes, na solução de seus problemas particulares.

Companhia Comercial Schrader - além dos benefícios regulados e obrigatórios por lei, a firma mantém uma caixa para atender aos seus funcionários, com a finalidade de prestar assistência médico-hospitalar.

Eletro-Aço Altona S/A - Esta magnífica indústria de Blumenau, uma das mais completas, no gênero, no sul do país, presta aos seus operários assistência nas seguintes modalidades: Seguro coletivo, (seguro de vida em grupo) e cooperativa, entregue aos operários. Para este fim, foi adquirido um edifício, para instalação de uma cooperativa, com todos os requisitos modernos (balcões, frigoríficos, etc.).

Na parte de assistência médica, tem um médico pago pela firma, que atende aos operários, sem que estes façam qualquer despesa.

Tecelagem Kuehnrich - A Tecelagem Kuehnrich é uma das firmas têxteis em franco desenvolvimento e conta com elevado número de operários.

Destacam-se, dentre os serviços de assistência social, os seguintes: seguro de vida gratuito, em grupo, médico próprio da firma para atender aos operários e suas famílias.

Dispõe de padaria própria, fornecendo pão a um preço abaixo do custo, ou seja Cr\$ 5,00 o quilo, sendo que a firma entra com o prejuízo na fabricação. Há um serviço gratuito de distribuição de alimentos para famílias que têm filhos, qualquer que seja este número.

Fábrica de Gaitas Alfredo Hering S/A - Esta grande fábrica, a primeira na América do Sul e uma das maiores do mundo, presta aos seus nu-

merosos empregados magnífica assistência social. Destacamos: Assistência médica, com médico contratado pela firma, com consultório próprio, assistência gratuita e permanente aos operários.

Armazém de gêneros, vendendo por preços abaixo do custo (gêneros de 1ª necessidade), de acordo com o número de seus familiares, em sistema de cotas.

Possui magnífica vila operária e seguro de vida coletivo.

A Fábrica de Gaitas Hering S/A, conhecida em todo Brasil e no estrangeiro, dedica-se à produção de gaitas de boca, de todos os tipos, com perfeição, decorrente de mais de 30 anos de experiência e pessoal especializado.

Presentemente, fabrica, também, acordeões, já em quantidade crescente e qualidade que rivalizam com as melhores no estrangeiro.

Fábrica de Gazes Medicinais “Cremer” S/A - Indústria das mais completas de Blumenau, com elevado número de operários, presta a Fábrica de Gazes Medicinais “Cremer” S/A assistência social nos seguintes moldes:

Serviço médico - médico pago pela firma. Seguro de vida em grupo para todos os assalariados. Seguro de acidentes pessoais para contramestres e mestres. Casas para elevado número de empregados. Pagamento de gratificações a todos os empregados e operários de acordo com o lucro, assiduidade, eficiência e produtividade.

Dispõe de magnífico armazém interno que fornece os gêneros alimentícios por preço bastante inferior ao custo, a todos os seus empregados, sendo as cotas proporcionais ao número de dependentes. Por exemplo: uma família com 4 filhos tem direito a 6 cotas. Um casal sem filhos, tem direito a duas. Empregado solteiro, tem direito a uma.

A Fábrica de Gazes Medicinais “Cremer” S/A foi a primeira fábrica de gases e ataduras instalada na América do Sul e os seus produtos são magníficos, gozando de justa fama no Brasil e no estrangeiro.

Indústria Têxtil Companhia Hering - Esta grande indústria que é um orgulho para Blumenau e que recentemente completou 75 anos de existência, foi a pioneira nos trabalhos de assistência social. Muito teríamos que escrever a este respeito. Em resumo, diremos o seguinte:

A Indústria Têxtil Companhia Hering, dos seus lucros líquidos anuais, distribui 10% aos seus servidores, sendo: 7% diretamente, em dinheiro, de acordo com o mérito, tempo de serviço e salário, e 3%, indiretamente, para manter a “Fundação Hermann Hering”, que se rege por bem organizado regulamento. Foi fundada em 1935, como a denominação de Instituição “Hermann Hering”, homenagem prestada à memória do fundador. Com o advento das leis sociais brasileiras, passou por completa remodelação, entrando, a partir de

1º de janeiro de 1943, novo regulamento em vigor. Tendo em vista a reforma estatutária da Indústria Têxtil Companhia Hering e em consequência do seguro de vida em grupo, feito com a “Sul América”, em favor dos beneficiados pela Fundação “Hermann Hering”, foi o referido regulamento em parte, novamente modificado. E a 1º de julho de 1944, com a ampliação de uns e a criação de outros benefícios, como sejam: ambulatório, auxílio-doença, abono de família e auxílio pró-casa própria, foi o regulamento, mais uma vez, alterado. Em 1º de janeiro de 1947, várias modificações foram introduzidas, inclusive uma de fundamental importância: a mudança do nome de “Instituição” para “Fundação Hermann Hering”, sem, porém, diminuição de qualquer dos benefícios que vinham sendo concedidos, exceção feita ao “auxílio-doença” que, por decorrer da exigência legal, passou a ser concedido diretamente pela Indústria Têxtil Companhia Hering.

Pela leitura destas rápidas linhas, verifica-se que a Fundação “Hermann Hering” foi criada com o objetivo único e exclusivo de, sem qualquer contribuição por parte de seus “beneficiados”, prestar-lhes assistência de caráter social de modo a tornar-lhes menos difícil a subsistência, com um padrão de vida que melhor se coadune com as suas necessidades mais imediatas.

Para estabelecer os recursos econômico-financeiros, como fundo inalienável, a Cia. Hering doou à Fundação, ao instituí-la, a importância de Cr\$ 200.000,00, representada por 200 ações “preferenciais”, nominativas, da Empresa Força e Luz Santa Catarina S/A, tendo a Fundação o direito ao uso fruto desses títulos de renda, isto é, aos respectivos dividendos, acrescidos dos juros produzidos pelos depósitos bancários e outras rendas provindas dos demais valores constitutivos de seu patrimônio, que formam, assim, a “Renda Própria” da fundação. Além desses recursos próprios tem a Fundação, na forma de dispositivo estatutário da Indústria Têxtil Companhia Hering, direito a 3% dos lucros líquidos apurados nos balanços anuais. E é com a soma de todos esses recursos que a fundação “Hermann Hering” distribui os benefícios prescritos no regulamento.

Isto é qualquer coisa de notável, leitor amigo e demonstra que o dinheiro ganho em Blumenau é em Blumenau empregado e de maneira a mais nobre possível.

Duas são as classes de “beneficiados” da Fundação “Hermann Hering”, a saber:

“Provisórios” - que abrangem todos os empregados e operários da Indústria Têxtil Companhia Hering, sem distinção de sexo e tempo de serviço, aos quais são conseguidos os benefícios: a) assistência médico-hospitalar, nas partes que se fizeram necessárias, tais como: ambulatório, com consultório mé-

dico, fisioterapia, ultravioleta e infravermelho, socorros de urgência e medicamentos ao preço de custo, creche e cozinha dietética, cirurgia e medicina especializada extra-ambatório e hospitalização. b) auxílio-refeitório.

“**Definitivos**” que compreendem os empregados e operários da Indústria Têxtil Companhia Hering, também, sem distinção de sexo, mas que hajam completado 6 meses de serviço ininterrupto, os quais, além dos benefícios assegurados, linhas atrás, gozam, ainda, dos seguintes: adicional à aposentadoria concedida pelo IAPI; seguro de vida em grupo e auxílios médicos e hospitalares “extra-ambatório”.

Mantém esta grande firma de Blumenau uma Vila Operária, contando, atualmente, com cerca de 50 casas, em sua maioria construídas de alvenaria de tijolos, cujos aluguéis oscilam entre Cr\$ 25,00 e 150,00 mensais. Assim, também é mantida pela firma a “Seção Agrícola”, denominada “Fazenda Ilhota”, no município de Itajaí, distante 30 Km de Blumenau, com uma área de quase 2.000 metros quadrados. Os principais produtos desse estabelecimento são: arroz, feijão, batatas, milho, verduras e legumes, que são fornecidos a preços baixos à Cooperativa de Consumo de Operários da ITCH. Fornece, também, carne verde, e futuramente, galinhas e ovos, leite e manteiga.

Tem igualmente, uma cooperativa de crédito, que recebe as economias dos empregados e operários da ITCH, pagando taxa compensadora, e empresta a juros baixos, para a construção de casas, compra de máquinas de costura, bicicletas e outros fins úteis.

Esta cooperativa está registrada no S.E.R. do Ministério da Agricultura sob o número 3.949 em 07.01.1952.

Aí está, prezado leitor, em linhas gerais retratado o problema de assistência social em Blumenau, explicando-se, assim, o magnífico clima existente entre empregadores e empregados. Com raras exceções, e comentaremos este assunto como severidade, existe uma verdadeira família em Blumenau. Todos trabalham com uma só preocupação: o bem-estar comum.

Estas firmas industriais merecem o respeito das nossas autoridades e a admiração do povo brasileiro.

Memórias

Minas de Prata do Garcia

TEXTO:

SIEGFRIED
CARLOS
WAHLE*



Na década dos 20 o Colégio Santo Antônio anualmente realizava piqueniques com os alunos para conhecerem as redondezas de Blumenau. Entre os piqueniques lembrados estão o do Spitzkopf em um ano e o da Mina de Prata do Garcia em um outro. A Mina de Prata é de viva memória, pois já no fim da década dos 20 tratava-se de um empreendimento em completo abandono. Os edifícios já estavam deteriorados, e, éramos proibidos de andar neles por apresentarem perigos.

Durante a Segunda Guerra Mundial exercia as minhas atividades no Laboratório da Produção Mineral, que por sua vez era subordinado ao Departamento Nacional da Produção Mineral do Ministério da Agricultura. No Laboratório da Produção Mineral havia instalações para executar qualquer tipo de experiência de beneficiamento de minérios. O Departamento Nacional da Produção Mineral era responsável pelos acompanhamentos das ocorrências de minérios, minerações, bacias hídricas, de águas minerais e de hidrelétricas, analisando e estudando viabilidades econômicas.

Durante a Segunda Guerra Mundial foram estudados e analisados, no Estado de Santa Catarina, o carvão mineral, para o aproveitamento na siderurgia, o minério de ferro (magnetita) do Morro do Canivete de Joinville, e uma ocorrência casual de molibdenita junto ao Morro do Baú. Na época, segundo os dados obtidos no Departamento Nacional de Produção Mineral e, confirmados pelo Dr. Djalma Guimarães, então o mais renomado engenheiro de minas do Brasil, mundialmente reconhecido, as ocorrências de minérios de prata do Garcia já tinham sido descartadas há mais de 15 anos (1927), pois segundo pesquisas oficiais tratava-se de

* Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".

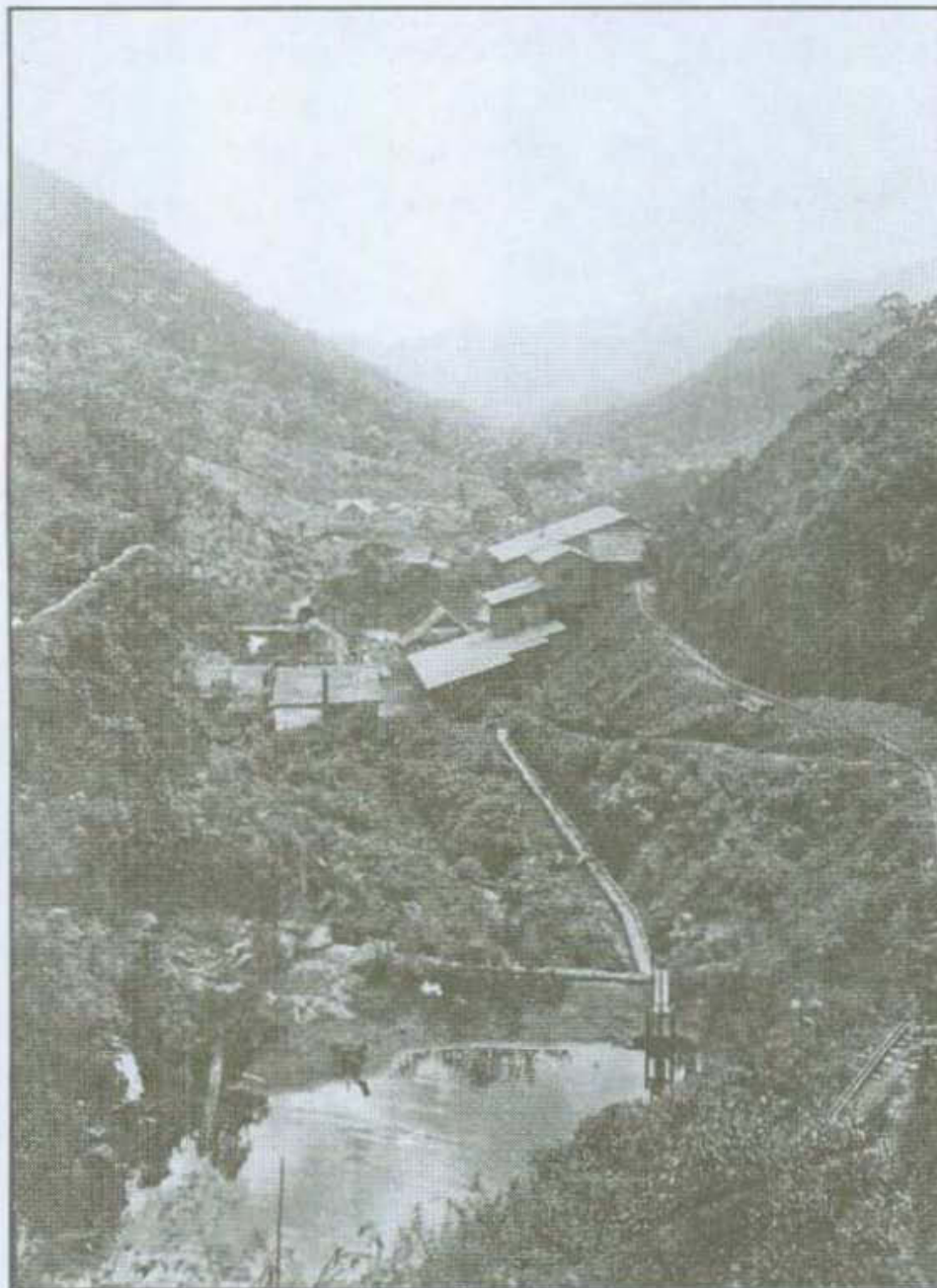
um corpo de minério inexistente. O único minério levado a sério foi o carvão mineral. O minério de magnetita de Joinville, depois dos levantamentos e ensaios de beneficiamentos revelara não ser econômico. Os trabalhos de pesquisas de campo e dos levantamentos foram executados pelo engenheiro de minas e metalurgia, Eng. Harro Stamm, da Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, MG, especialmente contratado pelo Sr. Alexandre Siciliano Neto, da Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo. O minério de molibdenita, por ser de ocorrência ocasional no Morro do Baú, não foi levado a sério.

Depois de lido o trabalho do Sr. Otto Rohkohl sobre a Mina de Prata do Garcia conclui-se que existem sérios conflitos dos dados e de composições, em parte inventados, do corpo de minério, mais tarde, considerado oficialmente como inexistente. Só depois do terreno ter sido adquirido dos argentinos e de outros colonos, acharam por bem obter pareceres a respeito das ocorrências de minérios. O parecer do engenheiro de minas, Eng. Pedro Hermann Blumenau, filho do fundador da Colônia, Dr. Hermann Otto Blumenau, durante a sua visita a Blumenau em 1911, parece ser razoável, pois ele recomendava prospeções adicionais que pudessem confirmar a existência do minérios de prata. Um prospector do Sudoeste Africano Alemão chamado Kerschbauer (ou Kerschbaumer) teve grandes dificuldades na prospeção e estas foram terminadas por um outro engenheiro, também do Sudoeste Africano Alemão, Dr. H. Letz (ou Lotz) que no seu parecer afirmara tratar-se de um corpo de minério invulgarmente grande, constituído de um veio de quartzo de 40 m de largura e 50 km de extensão (aparentemente um tamanho de fantasia.).

Ao que parece começaram então a escavar galerias, iniciadas nas partes do veio de quartzo, onde se apresentavam as concentrações de minérios. Infelizmente, quando as galerias passavam da camada superficial do veio, o minério desaparecia. Isto causou frustrações aos exploradores, e cessaram as escavações das galerias. Diante das frustrações, os exploradores desistiram de tudo. Isto foi antes do fim da Primeira Guerra Mundial. Passados alguns anos, após a Primeira Guerra a administração da Mina de Prata do Garcia, liderada pelo Sr. Otto Rohkohl, recorreu aos préstimos da firma alemã Stinnes, especializada em exploração e comércio de minérios. Pouco tempo depois a firma Stinnes falira em consequência da crise geral do carvão na Alemanha, e em seguida também falecia o Sr. Stinnes. O representante da Stinnes no Garcia, Dr. Vogel, sem orientação, veio a falecer devido

a fortes depressões. Os relatórios do Dr. Vogel simplesmente desapareceram, e, ninguém chegou a vê-los.

Certa manhã parou na Livraria Wahle o administrador da Mina de Prata do Garcia, de mudança para Joinville, para despedir-se, pois devido ao fracasso da mina não via mais razão em permanecer. Ao ser perguntado sobre o fracasso da Mina de Prata, respondeu simplesmente, que tudo não passava de uma grosseira e vulgar burla.



Instalações das Minas de Prata e chumbo na região denominada “Nova Rússia”, no bairro da Garcia

Sempre quando há corrida pelo ouro ou outros minerais, aparecem, as maiores falcatriuas, que vêm a ser o enriquecimento artificial, superficial e localizada em partes do veio de quartzo, também conhecido como envenenamento. Uma delas, cuja prática é fácil de ser constatada no Estado de Minas Gerais, é conhecida no mundo todo.

Preparam-se cartuchos de espingardas de grosso calibre, substituindo as bolinhas de chumbo por fragmentos de minérios ou de ouro, que são disparados contra o veio de quartzo, e devido à temperatura e ao impacto do tiro, dão a impressão de fazerem parte do veio. É possível que este processo ou outro semelhante tenha sido usado na Mina de Prata do Garcia. No Garcia nunca mais houve ocorrências de minérios, quer de prata, de chumbo ou de qualquer outra espécie.

Referências Bibliográficas:

- TRAJANO, R.B. "Metalurgia do Ouro de Minas de Gerais", Laboratório da Produção Mineral, Avulso 5 (Wahle S.C. - 1943)
- NOE, F. E. "Estudo de beneficiamento de um minério de manganês de São João Del Rei, Minas Gerais", Laboratório da Produção Mineral, Boletim 7, P. 57-67. (Wahle S.C. - 1943)
- TRAJANO, R.B. "Estudo da lavagem de conchas da Lagoa de Araruama, Estado do Rio", Laboratório da Produção Mineral, Boletim 7. P. 81-99. (Wahle S.C. - 1943)
- WAHLE, S.C. (1943) "Estudo sobre o beneficiamento de areias para fabricação de vidro" Laboratório da Produção Mineral, Boletim 7, P. 91-100.
- WAHLE S.C. (1943), "Estudo de alguns minérios de ouro dos municípios de Santa Bárbara, Caeté e Mariana, Minas Gerais", Laboratório da Produção Mineral, Boletim 8, P. 71-83
- WAHLE S.C. (1945), "Grafito de Itapeçerica, Minas Gerais" Laboratório da Produção Mineral, Boletim 14, P. 79-87
- WAHLE S.C. (1945), "Grafito de Itaperuna, Estado do Rio" Laboratório da Produção Mineral, Boletim 14, P. 96-103
- NOE, F.E. "Magnetita de Joinville, Santa Catarina", Laboratório da Produção Mineral, Boletim 15, P. 61-79. (Wahle S.C. - 1945)
- WAHLE S.C. (1945), "Areia de Cabo Frio, Para fabricação de vidro, Estado do Rio", Laboratório da Produção Mineral, Boletim 16, P. 75-86
- ROHKOHL, Otto. Pormenores sobre as minas da Nova Rússia ", Blumenau em Cadernos, 1998 Março, número 3.
- ACIB BLUMENAU 90 ANOS de MEMÓRIA - 1915, "Minas de Prata apenas um sonho".

Blumenau rumo aos 150 Anos de Fundação

Lista de Moradores da Colônia Blumenau - 1869

TEXTO:

*HERMANN
BLUMENAU**



Nas próximas edições estaremos publicando a lista de moradores da Colônia Blumenau (1869), os leitores poderão ter um instrumento de pesquisa para realizar estudos genealógicos relacionados às primeiras famílias de Blumenau.

Na página 50, consta uma imagem que revela o aspecto do documento original, com caligrafia do vice-diretor da Colônia, Sr. Hermann Wendeburg.

Os originais desta documentação manuscrita fazem parte do acervo do Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” – Blumenau.

1869 Colônia Blumenau

**Estatística nominal dos habitantes
existentes no fim do ano de 1869.**

Observação preliminar

A presente estatística exhibe só os habitantes que se podem considerar como fixos e efetivamente domiciliados na Colônia, coordenados pelos respectivos distritos e por famílias e fogos, ficando incluídos no número das pessoas, que constituem uma e a mesma família e habitam o mesmo fogo, os criados, trabalhadores e inquilinos de ambos os sexos, que têm sua família ou seus próximos parentes domiciliados na colônia. Não estão porém enumerados e considerados nesta estatística, os indivíduos que estando, é verdade, presentes na data do levantamento desta estatística, contudo não têm estada fixa e permanente na Colônia e podem e devem ser considerados como forasteiros e adventícios.

* Documento original registrado sob número PO234 – 341, Acervo Blumenau Colônia – Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
Distrito da Povoação Blumenau											
01.	Dr. Hermann Blumenau	02	02	03	-	01	-	02	02	-	04
02.	Hermann Wendeburg	01	05	03	01	02	-	02	04	-	06
03.	Victor Gaertner	03	02	02	01	01	01	02	03	-	05
04.	Guilherme Friedenreich	04	05	03	03	03	-	02	07	-	09
05.	Dr. Pinto Braga	04	02	04	-	02	-	02	04	06	-
06.	Fernando Schrader	02	04	03	01	01	01	02	04	-	06
07.	Jorge Wagner	05	03	02	02	04	-	02	06	-	08
08.	Henrique Probst	03	02	02	02	-	01	02	03	-	05
09.	João Shreep	04	06	03	04	03	-	02	08	-	10
10.	Carlos Meyer	01	02	03	-	-	-	02	01	-	03
11.	Gustavo Spierling	01	03	02	01	-	01	02	02	-	04
12.	Frederico Lüders	05	02	03	02	02	-	02	05	-	07
13.	Dr. Bernardo Knoblauch	02	03	03	01	01	-	02	03	-	05
14.	Henrique Froehner	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
15.	Carlos Schneider	05	03	04	01	03	-	04	04	01	07
16.	João Fellheiner	03	05	02	-	06	-	02	06	08	-
17.	Augusto Doberstein	03	02	02	-	03	-	02	03	04	01
18.	Frederico Strobel	10	03	09	04	-	-	02	11	02	11
19.	viúva Rüdiger	02	01	03	-	-	-	-	03	-	03
20.	Rui Edoardo Büttner	01	02	03	-	-	-	-	03	03	-
21.	Ernesto Matheis	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
22.	Claudio Buon	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03

23.	Andrea Bader	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
24.	Pedro Pauli	03	03	02	02	02	-	02	04	-	06
25.	Francisco Bader	02	03	02	-	03	-	02	03	05	-
26.	Gotthilf Grahl	06	06	05	02	04	01	02	10	-	12
27.	João Esemann	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
28.	Frederico Schmidt	04	03	02	01	03	01	02	05	-	07
29.	Henrique Schmidt	01	03	02	01	01	-	02	02	-	04
30.	Theophilo Giesler	03	03	03	01	02	-	02	04	-	06
31.	Carlos Külps	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
32.	Frederico Farohow	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
33.	Theophilo Richter	02	03	02	03	-	-	02	03	-	05
34.	Oscar Hesse	02	03	03	02	-	-	02	03	-	05
35.	Augusto Richter	06	03	05	01	03	-	02	07	-	09
36.	Eduardo Schadrack	02	06	03	01	04	-	02	06	-	08
37.	Hermano Wessendorf	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
38.	João Breithaupt	03	07	02	03	04	01	02	08	-	10
39.	Frederico Riemer	02	02	03	-	-	01	03	01	-	04
40.	Carlos Kegel	02	02	02	01	01	-	02	02	-	04
41.	Rinaldo Freygang	03	04	03	03	01	-	02	05	-	07
42.	Augusto Gloeden	05	04	03	05	01	-	02	07	01	08
43.	viúva Zimmermann	01	03	01	02	01	-	-	04	-	04
44.	Frederico Fiedler	01	04	02	02	01	-	01	04	-	05
45.	Günter Francke	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
46.	Xaver Bugmann	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
47.	Jozé Bugmann	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
48.	Pe. Guilherme Roemer	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
49.	Guilherme Petters	02	05	02	01	03	01	02	05	-	07
50.	Gaspar Braun	05	03	02	03	03	-	02	06	08	-

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casa-Dos	Viú-vos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
51.	João Behnke	04	03	03	02	02	-	02	05	-	07
52.	Francisco Colahan	01	01	02	-	-	-	02	-	01	01
53.	Fernando Ebert	03	04	04	02	01	-	02	05	-	07
54.	Guilherme Roedel	03	03	02	01	03	-	02	04	-	06
55.	Henrique Schulz	01	03	02	02	-	-	02	02	-	04
56.	Carlos Hoeltgebaum	03	03	03	01	02	-	02	04	-	06
57.	Frederico Kowalski	01	03	03	-	01	-	02	02	-	04
58.	Frederico Radtke	07	04	06	01	03	01	02	09	-	11
59.	João Kloth	03	04	02	-	04	01	02	05	-	07
60.	João Westphal	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
61.	Christiano Dietrich	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
62.	Pedro Budag	03	07	02	03	04	01	02	08	-	10
63.	Henrique Kreuzfeld	04	04	02	02	04	-	02	06	-	08
64.	Martim Schober	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
65.	Theophilo Rüdiger	03	05	02	03	02	01	02	06	-	08
66.	Eduardo Boettger	03	02	02	01	02	-	02	03	-	05
67.	Carlos Lopf	02	03	02	-	02	01	02	03	-	05
68.	Luiz Sachtleben	05	04	02	02	05	-	02	07	-	09
69.	Guilherme Siebert	04	04	02	01	04	01	02	06	-	08
70.	Dr. Frederico Müller	01	08	02	03	03	01	02	07	-	09
71.	Gustavo Scheeffe	03	04	02	04	-	01	02	05	-	07
72.	João Wloch	03	03	02	03	01	-	02	04	06	-
73.	João van der Berg	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03

74.	Deodado Encke	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
75.	Henrique Michel	05	03	02	02	03	01	02	06	-	08
76.	Ernesto Schellenberg	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
77.	viúva Francisca Keiner	01	02	01	02	-	-	-	03	-	03
78.	Dr. Eberhard	02	04	03	01	01	01	02	04	-	06
79.	Theodoro Kleine	04	03	03	02	02	-	02	05	-	07
80.	Guilherme Koch	05	04	05	02	02	-	02	07	-	09
81.	Christiano Gropp	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
82.	Mathias Fanauschek	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
83.	Viúva Romer	01	01	01	01	-	-	-	02	-	02
84.	Viúva Rosemann	01	01	02	-	-	-	-	02	-	02
85.	Carlos Friedenreich	03	04	02	03	01	01	02	05	-	07
86.	Benjamin Schenk	02	03	03	01	01	-	02	03	-	05
87.	Victor de Gilsa	04	03	02	01	04	-	02	05	-	07
88.	Frederico Hoffmann	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
89.	Henrique Fricke	01	06	02	03	02	-	02	05	-	07
90.	João Padratz	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
91.	Guilherme Tiedt	04	04	02	04	01	01	02	06	-	08
92.	Guilherme Tuschinski	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
93.	Emílio Odebrecht	04	03	03	-	03	01	02	05	-	07
94.	Martim Krug	02	01	02	01	-	-	02	01	03	-
95.	Guilherme Schaker	02	02	02	01	01	-	02	02	-	04
96.	João Schack	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
97.	Christiano Rüdiger	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
98.	viúva Dost	02	02	01	01	02	-	-	04	03	01
99.	Henriqueta Kegler	-	02	01	-	01	-	-	02	-	02
100.	Dorothea Rohrmann	02	02	02	01	01	-	-	02	-	03

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
101.	Henriqueta Boehm	01	03	01	-	03	-	-	04	-	04
102.	Henrique Schulz	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
103.	Christiano Schantu	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
104.	João Pieritz	02	03	03	01	01	-	02	03	-	05
105.	Julio Donner	03	02	02	01	02	-	02	03	-	05
106.	Maurício Hartwig	01	-	01	-	-	-	01	-	-	01
107.	Julio Schlüter	04	01	02	-	02	01	02	03	-	05
108.	Alberto Schulz	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
	TOTAL	263	291	252	123	155	24	182	372	61	493
II- Distrito do Vale do Retiro											
01.	Frederico Hille	04	03	04	03	-	-	02	05	-	07
02.	Mauricio Holetz	05	02	02	01	04	-	02	03	-	05
03.	Henrique Ohrt	04	01	02	-	03	-	02	03	-	05
04.	Christiano Boehme	01	04	02	01	02	-	02	03	-	05
05.	Christiano Mueller	04	02	02	03	01	-	02	04	-	06
06.	Deodado Knoch	05	02	02	01	04	-	02	05	-	07
07.	João Baader	06	03	03	02	04	-	02	07	-	09
	TOTAL	29	17	17	11	18	-	14	32	-	46
III- Distrito do Garcia m. dir.											
01.	Theodoro Schroeder	02	04	02	04	-	-	02	04	-	06
02.	Henrique Koehler	02	04	03	03	-	-	02	04	-	06
03.	Carlos Hadlich	06	02	02	01	05	-	02	06	-	08
04.	João Klüger	03	04	02	-	04	01	02	05	-	07
05.	João Knoch	06	04	02	03	04	01	02	08	-	10

06.	João Bewian	04	05	02	03	04	-	02	07	-	09
07.	David Seiler	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
08.	Guilherme Schreiber	06	06	04	04	04	-	02	10	-	12
09.	viúva Ehrhardt	02	03	02	02	01	-	02	03	-	05
10.	Deodado Hadlich	05	03	05	01	01	01	02	06	-	08
11.	Theophilo Benz	04	03	02	01	04	-	02	05	-	07
12.	Theophilo Weck	02	05	02	01	04	-	02	05	-	07
13.	Augusto Lindner	05	03	02	04	02	-	02	06	-	08
14.	Guilherme Holetz	02	02	04	-	-	-	02	02	-	04
15.	Francisco Mathias	03	01	02	02	-	-	02	02	-	04
16.	Christiano Frotscher	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
17.	Alexandro Bürger	06	03	04	03	02	-	02	07	-	09
18.	Carlos Grevsmühl	05	02	06	01	-	-	-	07	-	07
19.	Claudio Rower	04	01	04	-	-	01	02	03	-	05
20.	Guilherme Koch	03	04	02	01	04	-	02	05	-	07
21.	Henrique Seide	01	03	02	01	01	-	02	02	-	04
22.	João Koth	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
23.	Fred. ^{co} Chra. ^{no} Holler	04	04	03	03	02	-	02	06	-	08
24.	João Laube	02	03	02	01	01	01	02	03	-	05
25.	Cristóvão Essig	03	03	02	02	02	-	02	04	06	-
26.	Jorge Metzger	02	02	02	01	-	01	02	02	-	04
27.	Fabião Fath	02	01	02	01	-	-	02	01	03	-
28.	Traugott Sprung	04	01	02	02	01	-	02	03	-	05
29.	Wild	04	02	02	03	01	-	02	04	-	06
30.	Jayme Graeser	01	03	02	02	-	-	02	02	-	04

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
31.	Christóvão Herz	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
32.	Roberto Boddenberg	03	04	04	-	02	01	02	05	-	07
33.	João Holler	03	01	02	02	-	-	02	02	-	04
34.	João Diehm	02	04	02	01	03	-	02	04	-	06
35.	Henrique Graebner	03	01	03	01	-	-	02	02	-	04
36.	Pedro Jasper	01	04	02	01	02	-	02	03	-	05
37.	Carlos Haedler	05	03	02	02	03	01	02	06	-	08
38.	Xaver Bugmann	04	02	02	-	03	01	02	04	06	-
39.	Baptista Bugmann	07	01	02	02	03	01	02	06	08	-
40.	Jozé Pfieffer	04	02	02	-	03	01	02	04	06	-
41.	Joze Kossezzer	06	01	02	01	03	01	02	05	07	-
42.	Xaver Zimmermann	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
43.	Simão Kreise	03	02	03	01	01	-	02	03	-	05
44.	Godofredo Boettner	03	06	02	03	04	-	02	07	-	09
45.	Francisco Stühler	04	03	02	01	03	01	02	05	07	-
TOTAL		148	120	109	62	84	13	86	182	43	225
IV- Distrito do Garcia m. esq.											
01.	Luiz Wehmuth	04	02	03	03	-	-	02	04	-	06
02.	Andre Grassmann	05	04	04	03	02	-	02	07	-	09
03.	João Koth	01	05	02	03	01	-	02	04	-	06
04.	Carlos Lehmann	01	02	02	01	-	-	02	01	03	-
05.	João Kühl	02	05	02	01	04	-	02	05	-	07
06.	Theophilo Hadlich	04	02	02	01	03	-	02	04	-	06

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
	Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
05.	Jayme Wild	04	02	02	03	01	-	02	04	-	06
06.	João Buerisch	01	05	03	03	-	-	02	04	-	06
07.	Gustavo Brandes	03	-	03	-	-	-	-	03	-	03
TOTAL		19	16	20	10	05	-	12	23	-	35
VI- Distrito do Caethé											
01.	Aloysio Schatz	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
02.	Fortunato Ruetz	04	04	04	-	03	01	04	04	08	-
03.	Fernando Vogel	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
04.	Carlos Kühne	03	02	02	-	02	01	02	03	-	05
05.	Carlos Dietrich	01	03	03	-	-	01	02	02	-	04
06.	Goswien Zoz	03	01	03	-	-	01	02	02	04	-
07.	Godofredo Koenitzer	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
08.	Frederico Walsburger	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
TOTAL		18	13	19	-	09	04	14	17	16	15
VII- Distrito do Rio Itajaí, margem direita											
01.	Esrnesto Weise	05	03	05	-	03	-	02	06	-	08
02.	Pedro Müller	04	05	04	-	04	01	02	07	-	09
03.	Maximiliano Merck	01	03	02	01	01	-	02	02	-	04
04.	Oswaldo Zwickler	03	05	02	-	05	01	02	06	-	08
05.	Rodolfo Roeder	04	05	02	-	06	01	02	07	-	09
06.	Frederico Metzner	03	03	02	-	04	-	02	04	-	06

07.	Henrique Kaessner	04	02	02	04	-	-	02	04	-	06
08.	João Hoennicke	03	02	03	02	-	-	02	03	-	05
09.	Carlos Vahldieck	01	05	02	-	03	01	02	04	-	06
10.	Otto Stutzer	05	08	06	-	06	01	04	09	-	13
11.	Christiano Spornau	06	02	02	-	05	01	02	06	-	08
12.	Guilherme Schoenau	04	04	02	-	05	01	02	06	-	08
13.	Carlos Peters	04	03	02	03	02	-	02	05	-	07
14.	Guilherme Mathes	02	02	03	-	01	-	02	02	-	04
15.	Carlos Engicht	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
16.	Edoardo Stein	09	04	04	09	-	-	02	11	-	13
17.	Henrique Clasen	05	04	04	05	-	-	02	07	-	09
18.	viú. Augusta Thomsen	05	05	03	07	-	-	-	10	-	10
19.	Christovão Baucke	04	02	02	01	03	-	02	04	-	06
20.	Augusto Persuhn	03	01	02	02	-	-	-	04	-	04
21.	Edoardo Romer	05	03	03	-	05	-	02	06	-	08
22.	Carlos Peneter	01	03	03	01	-	-	02	02	-	04
23.	Henrique Gretschrmer	02	03	04	01	-	-	02	03	-	05
24.	Luiz Beyer	03	03	03	-	02	01	02	04	-	06
25.	Guilherme Rischbieter	02	03	03	-	02	-	02	03	-	05
26.	Ricardo Ebert	02	02	03	01	-	-	-	04	-	04
27.	Carlos Stock	02	04	02	-	04	-	02	04	-	06
28.	João Schmitz	05	01	04	02	-	-	02	04	06	-
29.	Hermano Sprengel	03	05	02	05	01	-	02	06	-	08
30.	Vanceslau Freiesleben	07	02	02	-	06	01	02	07	09	-
31.	Carlos Lieberodt	01	02	03	-	-	-	02	01	-	03
32.	Julio Sametzki	03	01	04	-	-	-	-	04	-	04

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
33.	Henrique Hosang	01	02	03	-	-	-	-	03	-	03
34.	Hermano Mathes	04	03	03	02	02	-	02	05	-	07
35.	Alfredo Reims	03	02	03	-	02	-	02	03	-	05
36.	Hermano Rüdiger	02	04	02	-	04	-	02	04	-	06
37.	Adolfo Wende	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
38.	Carlos Schmauch	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
39.	Francisco Baer	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
40.	Thereza Zwicker	-	02	01	01	-	-	-	02	-	02
41.	Luiza Hinsching	02	01	02	-	01	-	-	03	-	03
42.	Henrique Krohberger	02	02	03	-	01	-	-	04	-	04
43.	João Krohberger	04	03	03	-	03	01	02	05	-	07
44.	Guilherme Kühlewein	02	04	02	03	01	-	02	04	-	06
45.	Hermano Heidorn	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
46.	Christiano Knust	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
47.	André Maseburg	01	04	02	03	-	-	02	03	-	05
48.	Theodoro Bussmann	03	02	02	03	-	-	02	03	-	05
49.	Guilherme Halfmann	01	02	01	01	-	01	02	01	03	-
50.	Bernardo Klass	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
51.	Henrique Frese	03	01	03	01	-	-	02	02	01	03
52.	Henrique Gronotte	02	02	03	-	01	-	02	02	04	-
53.	Pedro Horssmann	03	04	02	04	01	-	02	05	-	07
54.	Frederico Ziebell	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
55.	Guilherme Hensohel	04	03	02	05	-	-	02	05	-	07
56.	Jayme Fey	05	03	03	05	-	-	02	06	08	-
57.	João Voigt	03	04	02	04	-	01	02	05	-	07

58.	Augusto Wulffes	01	06	02	04	01	-	02	05	-	07
59.	Joaquim Gramkow	06	02	02	05	01	-	02	06	-	08
60.	Augusto Barheine	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
61.	André Erdmann	02	03	02	03	-	-	02	03	-	05
62.	André Hölzgebaum	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
63.	Frederico Spernau	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
64.	Alberto Schadrack	01	03	02	02	-	-	02	02	-	04
65.	Francisco Winkert	06	02	02	04	01	01	02	06	-	08
66.	Carlos Knoblauch	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
67.	Jorge Knoch	05	01	02	02	02	-	02	04	-	06
68.	Henrique Müller	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
69.	Guilherme Busch	03	03	03	-	01	02	02	04	-	06
70.	Guilherme Rossdentfihn	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
71.	Ricardo Voigt	05	02	02	-	04	01	02	05	-	07
72.	Carlos Eckert	01	02	03	-	-	-	02	01	-	03
73.	Basilio Correa dos Negreiros	04	03	02	-	04	01	02	05	07	-
74.	Manoel Salvador de Nascimento	02	04	02	01	03	-	02	04	06	-
75.	Christiano Trochmann	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
76.	Guilherme Schroeder	06	03	03	01	04	01	02	07	09	-
77.	Jozé Murawski	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
78.	Julio Kiel	03	03	02	-	04	-	02	04	06	-
79.	João Rauh	01	05	02	-	03	01	02	04	06	-
80.	Edoardo Fiedler	01	02	01	02	-	-	02	01	-	03

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
81.	Jayme Barth	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
82.	Francisco Huhn	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
83.	Henrique Fritz	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
84.	Frederico Fritz	01	04	02	-	03	-	02	03	-	05
85.	Othão Poltrack	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
86.	Joaquim Beselin	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
87.	Ernesto Mathies	04	03	02	02	03	-	02	05	-	07
88.	Gotthand Frech	02	04	02	02	02	-	02	04	-	06
89.	Adolpho Perreira	05	07	05	04	03	-	02	10	12	-
90.	Luiz Beckendorf	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
91.	Jozé Xetterlin	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
92.	Leo Krieck	05	03	02	05	-	01	02	06	-	08
93.	Henrique Harnisch	04	03	02	04	01	-	02	05	-	07
94.	Cristiano Hess	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
95.	Fernando Haase	02	01	01	02	-	-	02	01	-	03
96.	Christiano Reue	03	03	02	02	02	-	02	04	-	06
97.	Carlos Probst	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
98.	João Heinicke	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
99.	Jasper Voigt	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
100.	Carlos Grube	01	02	01	01	-	01	02	01	-	03
101.	Francisco Meyer	07	01	02	-	03	-	02	03	-	05
102.	João Giesler	06	05	04	03	04	-	02	09	-	11
103.	Hugo Schulz	02	01	02	-	01	-	02	01	-	02
104.	Carlos Prochnow	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03
105.	Hermano Strohkirch	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02

106.	João Kramer	02	03	02	-	03	-	02	03	05	-
107.	Guilherme Froehnn	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
108.	Philippe Loes	02	03	02	-	03	-	02	03	05	-
109.	Ernesto Seide	02	05	03	-	03	01	02	05	05	02
110.	João Tillmann	01	02	02	-	01	-	02	01	03	-
111.	Guilherme Schimdt	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
112.	Pedro Tillmann	01	03	04	-	-	-	02	02	04	-
113.	Carlos Luchtenberg	02	02	03	01	-	-	02	02	-	04
114.	Guilherme Tillmann	04	02	02	01	03	-	02	04	06	-
115.	Henrique Weise	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
116.	Theophilo Froehlich	03	02	03	01	01	-	02	03	-	05
117.	Jayme Weiss	04	02	02	-	04	-	02	04	06	-
118.	Abrahão Baumhardt	03	05	02	03	02	-	02	06	-	08
119.	Carlos Henkels	03	03	02	01	02	01	02	04	-	06
120.	Frederico Henkels	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
121.	Hermano Plasser	03	03	02	-	04	-	02	04	-	06
122.	Bruno Hochheim	01	01	01	01	-	-	02	-	-	02
123.	Pino Harbrich	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
124.	Frederico Froehlich	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
125.	Frederico Reinhold	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
126.	Guilherme Becker	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
127.	Guilherme Schifter	03	04	02	01	04	-	02	05	-	07
128.	Carlos Seiffert	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
129.	Augusto Hafensein	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
130.	Conrado Mette	04	03	02	03	02	-	02	05	-	07

Continua no próximo número...

N.º	Nome do chefe da família	Sexo		Idade de idade				Estado civil		Religião
		mas.	fem.	anivers.		cas.	sol.	viúvo	des. unido	
				de 20	de 20					
<u>Distrito da povoação Blumenau</u>										
1.	Dr. Hermano Blumenau	2	1	3	1	1	1	2	2	4
2.	Hermano Wendeburg	1	1	3	1	1	1	2	2	5
3.	Vitor Gaertner	2	1	3	1	1	1	2	2	4
4.	Guilherme Brückner	4	1	3	1	1	1	2	2	4
5.	Dr. Pinto Braga	4	1	3	1	1	1	2	2	4
6.	Fernando Schrader	2	1	3	1	1	1	2	2	4
7.	Berge Wagner	3	1	3	1	1	1	2	2	4
8.	Henrique Probst	3	1	3	1	1	1	2	2	4
9.	Adão Schrader	1	1	3	1	1	1	2	2	4
10.	Carlos Meyer	1	1	3	1	1	1	2	2	4
11.	Gustavo Spierling	1	1	3	1	1	1	2	2	4
12.	Frederico Lüdtow	5	1	3	1	1	1	2	2	4
13.	Dr. Bernardo Kunkel	2	1	3	1	1	1	2	2	4
14.	Henrique Brückner	1	1	3	1	1	1	2	2	4
15.	Carlos Schneider	5	1	3	1	1	1	2	2	4
16.	João Follhaier	3	1	3	1	1	1	2	2	4
17.	Augusto Dobry	3	1	3	1	1	1	2	2	4

Artigos

Brava Gente Polonesa

TEXTO:

MARIA DO
CARMO R. K.
GOULART*



Em 1999 comemorou-se 130 anos de imigração polonesa no Brasil, cuja história começou em Brusque, Santa Catarina.

A cidade de Brusque situa-se 21 metros acima do nível do mar, às margens do Rio Itajaí-Mirim. Dista cerca de 30 km do maior eixo rodoviário de ligação Norte/Sul brasileiro, que é a BR-101 e 110 km da capital, Florianópolis. Tem população calculada de 70.000 habitantes.

Fundada a 4 de agosto de 1860, ano que também é da chegada dos primeiros colonizadores alemães, Brusque recebeu outras correntes imigratórias, como os poloneses em 1869 e os italianos em 1875.

À data de sua fundação, Brusque era conhecida por Colônia Itajahy. Em 1866 foi criada a Colônia Príncipe Dom Pedro. Instalada um ano depois, à margem direita do Rio Itajahy-Mirim, distava cerca de 1 légua acima da sede da Colônia Itajahy.

Um caminho de carroças interligava as duas Colônias. A Príncipe Dom Pedro já havia servido de localização a outros imigrantes e no local conhecido como "Sixteen Lots" (porque eram dezesseis os lotes que a compunham) foram instaladas as famílias da aldeia de Sielkowice, próxima a Opole, na Alta Silésia, Polônia.

O início da imigração polonesa em Santa Catarina (e no Brasil) ocorreu em agosto de 1869. Não se tem conhecimento sobre o dia certo que tal aconteceu: nem data de partida da terra natal, nem data da chegada ao nosso país.

*Historiadora brusquense, escreve sobre imigração polonesa naquela cidade.

O documento que mais se aproxima é o do registro de batizado de **Estevão Szynowsky**, em o mar" e batizado a 25 de agosto de 1869 pelo Padre Alberto Francisco Gattone, na Colônia Príncipe Dom Pedro.

No local em que foram instalados, os poloneses sofreram a invasão de elementos estranhos à Colônia, que nele incursionavam à procura de madeira, produto farto na região. Reclamações aconteceram por parte da direção das colônias, enviando correspondência aos Governos da Província e Imperial. Esse preocupado em fixar o colono nas terras, destacava a necessidade de a região ser repovoada, garantindo ao estrangeiro o direito à tranquilidade e à segurança.

Poucos documentos existem a respeito da situação dos imigrantes poloneses na colônias citadas; os registros mais importantes desse período dizem respeito às anotações nos Livros de Batizados e Óbitos, 1869/1876, feitas pelo Padre Alberto Francisco Gattone, as quais reportam-nos, por exemplo, a um fato histórico: o nascimento da primeira criança polono/brasileira: **Izabella Kokot**, a 12 de novembro de 1869, na ainda Colônia Príncipe Dom Pedro. **Izabella** era filha de Philippe Kokot e de Izabella Gebur, nomes constantes da lista dos primeiros imigrantes poloneses chegados ao Brasil a bordo do vapor "**Victória**", o qual aportou em Itajaí, litoral de Santa Catarina.

Além de **Kokot**, outros sobrenomes das famílias dessa leva são : **Wosch, Pollak, Szynowsky, Prudllo, Otto, Stampka, Gbur, Weber, Kania, Pampuch, Wós e Kachel**.

Se o nome de **Izabella** constitui um marco da imigração polonesa, outro também ficaria lembrado: **João Otto**, cujo falecimento, ocorrido no dia 11 de outubro de 1870, daria início aos vínculos sentimentais por parte dos poloneses com a Colônia, quando os imigrantes começaram a enterrar seus entes queridos no **Cemitério dos Polacos**. Do referido cemitério, porém, nada mais existe, a não ser uma cruz de pedra - testemunha muda e silenciosa a resistir no tempo. Atualmente a **Cruz** encontra-se recolhida à sede da Sociedade Amigos de Brusque, em Brusque.

A primeira leva de poloneses permaneceu dois anos em terras catarinenses, de agosto de 1869 até setembro de 1871, quando transmigraram para Curitiba, no Paraná. O êxodo foi quase total. Deve-se dizer que a transmigração foi realizada sem a aprovação oficial, isto é, sem o sim do

Governo da Província de Santa Catarina, da Direção da Colônia e mesmo de Sua Majestade o Imperador Pedro II¹.

Outras levas de imigrantes foram para Brusque e a de 1889, com poloneses de Lódz possibilitou a vivência de uma nova etapa econômica, desenvolvendo, junto a empreendedores locais, uma atividade pioneira: a indústria têxtil. Fabricando teares manuais de madeira, os tecelões de Lódz contribuíram de modo decisivo para que a cidade ficasse conhecida, anos mais tarde, como "Berço da Fiação Catarinense".

A participação do polonês na história da imigração polonesa em Santa Catarina é objeto de estudo recente. Há vinte anos escrevo sobre esses imigrantes e pesquisar sobre eles fez-me amar, mais e mais, um povo cuja fé ultrapassa fronteiras.

Lembrar a presença dessa brava gente polonesa em território catarinense do Vale do Itajaí-Mirim é resgatar a história de um povo forte.

Parabéns, poloneses pelos 130 anos de Brasil!

¹ Alguns historiadores paranaenses, sobre a questão da imigração polonesa, afirmam que Dom Pedro II aprovou a transmigração. Porém não existe documentação a respeito, assinada por ele. O fato é que D. Pedro, em março de 1871, após saber da morte da princesa Leopoldina, sua filha, e preocupado com a saúde da imperatriz, decidiu pedir ao Parlamento permissão para viajar à Europa. D. Pedro partiu em sua primeira viagem àquele continente a 25 de maio de 1871, deixando como regente a princesa imperial, D. Isabel, Condessa d'Eu. A 28 de setembro de 1871 o imperador encontrava-se em Alexandria, no Egito. Como poderia ele ter autorizado a transmigração dos poloneses, de Brusque para Curitiba em setembro do mesmo ano?

História & Historiografia

Médicos e farmacêuticos da Era Colonial*

TEXTO:

JOSÉ
FERREIRA DA
SILVA**



A nossa crônica de hoje vai dedicada à honrada e competente classe médica catarinense, especialmente a de Blumenau, cuja dedicação, espírito humanitário e verdadeiro amor à missão sublime de aliviar e curar os males físicos dos seus semelhantes, acreditamos poder sintetizar nessa figura admirável de clínico e de cirurgião, hábil e humano, que é o Dr. Paulo Mayerle, há mais de trinta anos a serviço da defesa do mais precioso dos nossos bens, a nossa saúde. A história da medicina em Blumenau começa já com o próprio fundador da Colônia e dos 32 municípios que dele se originaram. Como se sabe, o Dr. Blumenau era prático de farmácia e laureado em química pela Universidade de Erlangen, onde também se doutorou em Filosofia. Nos seus vários anos de aprendizado em farmácias de sua pátria, penetrou nos menores segredos da indústria dos remédios, em sua grande maioria manipulados com extratos e tinturas das mais variadas espécies vegetais. Fritz Müller, que também fora prático de farmácia, antes de colar grau em medicina, conta-nos, em sua autobiografia, coisas comoventes e interessantes que, tanto a ele, como ao futuro fundador da nossa cidade, eram atribuídas, nas ensolaradas primaveras alemãs, na cata, na coleta e na classificação das plantas conhecidas pelas suas virtudes curativas, no modo de sua conservação para transformá-las, afinal, em poções e xaropes, cujas receitas e incluíam em volumosos “Chernovitzes” que os aprendizes tinham de decorar nas suas longas noites de inverno no sótão das casas de seus patrões e hospedeiros.

*) **Fonte:** Jornal de Santa Catarina, especial de Domingo, 19 e 20/ 11/1972 - 26 e 27/ 11/ 1972.

) **José Ferreira da Silva (1897-1973) – Historiador, político, membro da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e fundador da Revista “Blumenau em Cadernos”.

Mas, parece que o Dr. Blumenau, na direção do seu estabelecimento colonizador, gostava mais de estudar e classificar as plantas do que, propriamente, empregar as suas virtudes curativas ou mitigantes dos sofrimentos alheios.

Não conhecemos caso algum em que ele, aqui, na sua colônia, tivesse posto, pessoalmente, em prática os seus conhecimentos iamológicos. Preferia deixar esta tarefa a um dos 17 imigrantes que, com ele, iniciaram o núcleo com que começou a civilização no Vale do Itajaí. Esse imigrante era Guilherme Friedenreich, veterinário e homeopata e, também, obstetra diplomado e muito hábil. Foi o primeiro médico que Blumenau teve até que, dois anos depois, em 1852, aqui chegasse Fritz Müller, recém formado pela Universidade de Greifswald e viesse juntar-se como simples colono, ao grupo reunido nos arranchamentos do “Velha” e do “Garcia”, donde a nossa cidade partiu para o seu desenvolvimento. Mas, por razões bem conhecidas, o médico Fritz Müller preferia lidar com o machado e a enxada, nas derrubadas e plantações, no seu lote colonial, do que assistir aos doentes e preparar-lhes chás, clisteres e suadouros e ventosas. Mas, mesmo com essa ojeriza pela profissão a que alcançara chegar com tantos trabalhos e sacrifícios verdadeiramente heróicos, Fritz atendia aos casos mais graves a que Friedenreich e o farmacêutico Keiner, vindo em 1853, não sabiam, ou não podiam dar jeito.

Como se vê, apesar da incipiente colônia do Dr. Blumenau não alcançar, no primeiro lustro de sua existência, nem mesmo o número de 500 habitantes, não era mal servida de recursos terapêuticos. Aliás, esses recursos, segundo os relatórios do fundador, não tinham mesmo muita aplicação, porque o “clima era bom e, nos primeiros anos, não houve nem mesmo um só caso de moléstia grave.” A Franz Keiner, o boticário, por isso, não faltava tempo bastante para cuidar também das suas hortas de cenouras, repolhos e alfaces, ao lado dos canteiros de camomila, de absinto, de alóis, de erva cidreira e de muitíssimas outras usadas na manipulação de remédios. Para se ter uma idéia das drogas que o nosso primeiro farmacêutico usava no seu receituário e que eram de sua própria manipulação, veja-se a lista de mesinhas e remédios que mandou para figurarem na primeira exposição agro-industrial já realizada em Santa Catarina, na cidade do Desterro, em julho de 1866: raiz de jaborandi, idem de ipecacuanha branca, bálsamo de copaíba, tintura de jaborandi, óleo de amêndoas, tanino, casca de pau-para-tudo e assim mais uma infinidade de drogas que seria fastidioso enumerar. Franz Keiner, e Guilherme Friedenreich por muitos anos deram conta de atender a população da Colônia, sempre aconselhados, quando não orientados, por Fritz Müller e pelo próprio Dr. Blumenau. Este último, no seu relatório de 1856, entre outros assuntos ligados à situação sanitária da sua

empresa, dizia: “Existe na Colônia um médico homeopata que também presta socorros de cirurgia e arte obstetrícia para grande vantagem da Colônia, um boticário alopata, munidos dos necessários medicamentos e uma parteira”, o que, realmente, podia satisfazer às necessidades dos 468 habitantes que, naquele ano, pertenciam à Colônia.

Nesse último ano citado, o estado sanitário da Colônia agravou-se em virtude das chuvas continuadas e dos grandes calores. Deram-se casos graves e até fatais “de cloroões e afeções, que se assemelham ao mal-da-terra, de febres reumáticas, gástricas, pituitosas (sic) e nervosas.” O relatório do fundador prossegue informando que, o ano não fora ruim apenas para a colônia pois, por todas as partes habitadas da Província, o estado sanitário era muito pior. Por Desterro, a capital, andava grassando o cólera. E foi por esse tempo que um jornal da Ilha publicava o trecho que mestre Osvaldo Cabral reproduz nesse magnífico e adorável livro “Nossa Senhora do Desterro”, recentemente editado: “Valha-nos Deus! Tudo o que é de mau nos chega! Não bastava a carestia da vida, dos gêneros e aí está a varíola. É verdade que a pobreza antes quererá morrer de bexiga do que de fome.”

Em Blumenau, porém, a coisa não era tão preta. A Varíola e outras epidemias que castigaram a gente litorânea não conseguiram chegar até nós, apesar, de que, as vacinas que o governo havia mandado e, com a qual foi inoculado uma porção de crianças, não haviam produzido efeito algum, pois a linfa já havia ultrapassado, de muito, o período de eficiência. O número de óbitos era normal e os colonos queixavam-se, apenas, dos males comuns à aclimação. Parece que, então, quem mais andava precisando de médico e farmácias era o próprio Dr. Blumenau. Os trabalhos e as enormes preocupações haviam agravado o seu estado de saúde, que nunca fora muito bom. E é assim que ele terminava o seu relatório de 1857: “...há mais de um semestre os meus males pioraram em virtude do agravamento dos meus padecimentos reumáticos e gastro-hemorroidários que, repetida e periodicamente, me impediam e impedem, por semanas inteiras, nos mais urgentes afazeres e deles, sobretudo, de uma extrema irritabilidade nervosa que me atormenta...” Nós veremos, mais adiante, que realmente, quem mais precisava de assistência médico-farmacêutica, eram os próprios médicos e farmacêuticos da colônia, exceção feita por Guilherme Friedenreich e do Dr. Eberhard. O primeiro viveu longos anos cuidando dos seus doentes humanos, o que não deixava de ser, com alguns clientes, também da sua especialidade de competente alveitar, e veio a falecer já neste século, em avançada idade. E o Dr. Eberhard, químico e farmacêutico, acabou deixando os frascos, as drogas e as análises para ser um modesto agente postal, cargo que exerceu por longos anos.

Afinal, dois anos depois de ter a Colônia passado para a administração do Governo Imperial, o Dr. Blumenau, continuando como seu diretor, conseguiu a nomeação de um médico oficial na pessoa do Dr. Bernardo Knoblauch. Este, formado pela Universidade de Jena, muito conceituado pelo saber e ilustração de seus mestres, imigrou para Blumenau em 1858 e aqui se casara com uma das filhas de Pedro Wagner, nosso conhecido pelo muito que o temos lembrado nas despretensiosas crônicas com que, aos domingos, costumamos ralar a paciência dos bondosos leitores.

Esse Dr. Knoblauch deixou larga descendência e alguns de seus filhos foram pioneiros da colonização do Alto Vale do Itajaí, emprestando a contribuição do seu esforço e da sua inteligência ao desenvolvimento daquela hoje próspera região. Assim, treze anos depois de fundada, Blumenau continuava sendo atendida por um médico, um homeopata e um único boticário. Já então, começava a se fazer premente a necessidade de construir-se um hospital. A população da Colônia ia crescendo. Já andava beirando os 2.000 habitantes espalhados por várias linhas coloniais que, à proporção de novas levas de colonos iam chegando, mais distanciavam-se da sede.

O Dr. Knoblauch e Friedenreich não davam mais conta de visitar, em suas residências, os enfermos confiados aos seus cuidados. E, aos atacados de males mais graves, recolhidos às casas de hospedagem, ou de algum conhecido da povoação, não se poderia dar o tratamento exigido pelo seu estado. Por isso é que o Dr. Blumenau, nas suas comunicações ao governo imperial, reclamava a construção de um hospital e sugeria medidas mais acertadas que, se acolhidas pelas autoridades, solucionariam com rapidez e eficiência, o pressionante problema. Mas como geralmente acontecia, o governo fazia ouvidos moucos às sugestões do ativo colonizador que, abnegada e altruisticamente, se comprometia a entrar com parte do custo de construção, tirada do seu bolso particular.

Em 1864, o Dr. Eberhard figura nos relatórios da direção como o segundo farmacêutico da Colônia. Entretanto, parece que por pouco tempo, pois já quatro anos depois, ele aparece prestando serviços à farmácia de Eduardo Horn, na capital da Província, regressando, tempos depois, a Blumenau, onde terminou os seus dias. Além de não dar atenção ao projeto de construção do hospital, o governo ainda por cima suspendera a verba de 400\$000 para a compra de drogas destinadas à manipulação de medicamentos aos imigrantes que chegassem doentes à Colônia. Isso não podia deixar de suscitar críticas amargas do Dr. Blumenau, que se via sobrecarregado de muitos gastos da obrigação do governo.

No ano de 1872, Fritz Müller, com alguns outros dedicados colonos, funda a "*Krankenunterstützungs-Verein*" (Sociedade de ajuda aos doentes). Embo-

ra não tivesse penetrado na Colônia, a varíola, grassando violentamente nos povoados do litoral, constituía-se em ameaça constante, o que ensejava pretexto para que a novel e humanitária sociedade pressionasse o diretor da Colônia e este o governo da Província para que desse início imediato à construção de um hospital, ou uma simples enfermaria que fosse. Nesse ano de 1872, o décimo de seu exercício como médico especial da Colônia, morreu, o Dr. Knoblauch. O desaparecimento desse dedicado profissional gerou alguns problemas.

A morte do Dr. Bernardo Knoblauch, primeiro médico oficial da Colônia Blumenau, causou profundo pesar. Fora, realmente, durante os anos todos de sua atuação como clínico muito hábil e consciencioso, um profissional muito humano e compreensível. Para a “Sociedade de Auxílio aos Necessitados” então o falecimento do Dr. Knoblauch trouxe muitos transtornos, pois, além de ter sido ele um dos incentivadores do movimento de que resultará a criação da associação, que tão bons serviços já ia prestando à coletividade, oferecerá espontaneamente, aos doentes associados, uma redução de um terço do preço normal das consultas. Foi nomeado para substituir o Dr. Knoblauch, outro médico alemão, que se achava recentemente na Colônia, o Dr. Carlos Tobias Rechtensteiner. Esse clínico, entretanto, longe de se tornar de algum préstimo aos necessitados de assistência médica, era dos que mais dela necessitava, pois, poucos meses depois de sua nomeação, a 11 de março de 1872, caíra gravemente enfermo, sendo, por isso, obrigado a solicitar exoneração do cargo. Em junho desse mesmo ano, o Dr. Blumenau enviava ao Presidente da Província os papéis referentes ao caso, dirigidos ao Ministro da Agricultura e nos quais dizia: “... remeto os documentos relacionados com o pedido de exoneração do seu posto de médico desta Colônia do Dr. Carlos Tobias Richtens-teiner que está tão gravemente enfermo que já há algumas semanas, apenas se pode levantar da cama e o seu próximo falecimento parece indubitável”.

E o diretor da Colônia já se adiantava ao desenlace solicitando a nomeação de outro médico, indicando para o cargo, o Dr. Cláudio Frederico Jebel. Este já era bem conhecido na Província, visto ter sido incumbido, em várias oportunidades, de prestar serviços à população de diversas localidades onde grassavam epidemias de varíola e de febre amarela. Naquela mesma ocasião, ele atendia aos atingidos por violentos surtos de bexigas, interrompidos no porto de Itajaí. Nomeado em princípios de 1874, já em outubro desse mesmo ano, falecia o Dr. Cláudio, pranteado pela população. Durante os poucos meses do seu trabalho conquistara a estima e o respeito de todos. Friedenreich foi, então, nomeado, provisoriamente, médico oficial do estabelecimento. Era quem, nos últimos anos, vinha aguentando o galho. Nesse mesmo ano de 1874, deu-se

começo à construção de um pequeno hospital. O relatório referente a esse ano assim se manifesta a respeito, sob a rubrica dos “edifícios em construção”: 1°.) a igreja matriz na povoação de Blumenau, com muro para cercar o cemitério; 2°.) casa de oração evangélica, igualmente como muro cercando o cemitério e, 3°.) edifício do hospital com cozinha anexa para depósito de cadáveres, uma cozinha e quatro latrinas, todas de carpintaria com frontal de tijolos e cobertas de telhas e muros com portão cercando o prédio do hospital; 4°.) casa da direção (atual edifício da Prefeitura).

Em vista disso, podem o atual diretor do Hospital S. Antônio, e as suas dedicadas Irmãs e Enfermeiras, ir se preparando para o próximo centenário em 1974, do nosocômio que tão assinalados serviços tem prestado a Blumenau, principalmente as suas classes menos favorecidas. Nesse ano, houve, igualmente, alguns casos de alienação mental e, diante da impossibilidade de recolher os mais perigosos ao manicômio da Corte, pois na Capital da Província, Desterro, não havia hospício algum, o Diretor sentia-se obrigado a recolher esses infelizes à cadeia pública, um rancho miserável e inseguro, absolutamente inadequado ao fim. Por esse motivo, o Dr. Blumenau reclamava a construção de uma casa, junto ao futuro hospital, exclusivamente destinada aos infelizes, porque “a imigração, em todos os países, é acompanhada do triste fenômeno de freqüente alienação mental e, assim, aqui, também eles continuaram a repetir-se”.

Está aí um tema interessante a ser desenvolvido por pessoas com maiores credenciais do que nós, em mais um capítulo interessante da história da colonização em geral e, particularmente, do vale do Itajaí.

O pequeno hospício foi, efetivamente, construído pouco depois e os alienados ali recolhidos, eram atendidos pelos próprios enfermeiros do Hospital. Mais tarde, foi transformado em Asilo para velhos.

Antes da construção do Hospital a que vimos nos referindo, deve ter havido outro, mantido e cuidado pela Sociedade de Auxílio aos Enfermos, (“*Krankenunterstützungsverein*”).

Essa suposição nos vem do fato de constar, do “Diário da Colônia”, destruído no incêndio da Prefeitura Municipal, em 1958, que no dia 22 de janeiro de 1874, uma quinta-feira se dera a: “Queda do edifício do Hospital derubado por uma tormenta”.

Não encontramos, entretanto, nos papéis que tivemos o cuidado de copiar, antes do desaparecimento do acervo histórico do Município, nenhuma outra referência a hospital que um temporal tivesse derrubado. Mas, do que não há dúvida alguma é que o atual Hospital S. Antônio, no fim de 1874, estava praticamente terminado, “faltando somente algumas peças miúdas de marce-

neiro, que ainda não as entregou, a caiadura e a pintura no interior e a pintura a tinta a óleo das janelas e portas”. Custara o hospital R\$ 3:045\$000”.

Por esse tempo a população da zona já colonizada de Blumenau andava pelos 7.700 habitantes.

No ano da criação do hospital, segundo o mapa estatístico desse ano, havia em Blumenau 4 médicos, contando com o homeopata e obstreta e 6 parteiras, continuando com uma única farmácia.

Houve uma epidemia de sarampo, que o relatório chama de “pintas” e, em novembro e dezembro, outra de disenteria que fez várias vítimas fatais. No ano seguinte, registra-se a vinda de outro médico, o Dr. Rautenberg, que aqui permaneceu por bem pouco tempo.

O hospital, apesar do bom estado sanitário da cidade, continuava prestando excelentes serviços, principalmente na aplicação de vacinas antivariolicas.

O Dr. Blumenau a ele se referia assim, em sua comunicação de 1876: “Embora de proporções modestas e de construção singela, apresenta agradável aspecto também na sua horta e no seu jardim, mantidos pelo enfermeiro e foram nele tratados, com a despesa total, incluída a gratificação do enfermeiro e fornecimento de medicamentos, pelo farmacêutico Dr. Ebehard e todas as despesas acessórias, de R\$ 3.175\$990, nada menos de 75 casos”.

E convém acentuar que, entre esses casos, havia 16 intervenções cirúrgicas, uma delas sem êxito, dois partos, moléstias de aclimação e da pele, do estômago e intestinos etc. Houve também dois casos de alienação mental, felizmente curados.

Em 1875 a população da Colônia foi bastante aumentada com a vinda de milhares de imigrantes italianos e tirolezes. Esse acréscimo demográfico trouxe muitos transtornos à administração da Colônia e aumentou, de muito, igualmente, o número de doentes.

O Dr. Blumenau mandou publicar, por todo o interior da Colônia, editais aconselhando medidas profiláticas no sentido de evitar surtos de moléstias epidêmicas e, inclusive, de prevenção contra mordeduras de cobras e animais venenosos, aconselhando a prática dos meios então conhecidos para o respectivo tratamento.

Já então havia sido contratado, como médico oficial da Colônia, substituindo Fridenreich, que por três vezes havia exercido, por meses seguidos esse cargo, o Dr. Francisco Valloton, cidadão suíço, que prestou assinalados serviços à saúde dos blumenauenses até mesmo após a elevação da Colônia a Município. Em 1878, trazida por imigrantes italianos, a sombra sinistra da varíola pairou sobre a Colônia. Mas, combatida enérgica e imediatamente, com

desinfetantes e rigorosa quarentena, a doença, apesar de ter contaminado diversos moradores, fez apenas uma vítima fatal. Isso foi mal e um bem ao mesmo tempo, porque os colonos, amedrontados, acorriam em massa à vacinação, contra a qual tantas prevenções haviam alimentado.

Tendo viajado para a Europa, o Dr. Valloton foi substituído pelo Dr. Alfredo Koehler, nomeado em 1878.

Quando, em 1880, a Colônia do Dr. Blumenau foi emancipada, era mais ou menos essa situação médico-hospitalar de Blumenau, então com dois médicos e dois farmacêuticos, um deles em Indaial, e o hospital a prestar assinalada e eficiente contribuição à saúde dos quase 15.000 habitantes do Município.

Haveria ainda muita coisa a contar sobre doenças, médicos e remédios dos tempos de Blumenau-Colônia. Mas, o que aqui fica, pode bem servir de princípio a quem se propuser escrever o capítulo, que faltou no meu recente trabalho “História de Blumenau” mas que, se Deus me der mais alguns anos de vida, ainda escreverei.

Há material de sobra até para um livro inteiro.



Hospital Santo Antônio na Rua Itajaí, após 1874

Autores Catarinenses

- Gente, um ser misterioso - A Confraria

Texto:

**ENÉAS
ATHANÁZIO***

BLUMENAU
em Cadernos

Gente, um ser misterioso

Lucila Rupp de Magalhães, catarinense radicada em Salvador, acaba de publicar um livro que tem merecido a melhor aceitação. Refiro-me a “Aprendendo a Lidar com Gente”, editado por Casa da Qualidade Editora-Editora da Universidade federal da Bahia, de Salvador (1999), onde a autora aborda as relações interpessoais no cotidiano, naquilo que ela define como “uma viagem exploratória ao conhecimento de si próprio, dos outros e de como se relacionar de forma eficaz, produtiva e feliz”.

Esse enunciado já revela a importância da obra nesta época em que imperam a frieza e os conflitos no relacionamento entre as pessoas. Especialista em relações interpessoais, com vasta experiência no assunto, a autora busca entender as causas de tudo isso e com base nesse conhecimento formular regras que ajudem as pessoas a melhorarem a sua convivência nas mais diversas situações. Como o título indica, no entanto, ela não impõe normas mas se propõe a discutir com o leitor e, junto com ele, aprender como lidar com esse ser misterioso e complexo a que se chama de gente.

Eis algumas alternativas que a autora propõe ao leitor “para deixá-lo matutando”: “saber contornar situações difíceis de relacionamento sem violentar-se, sem engolir sapos e, ao mesmo tempo, não agredir parceiros; compreender o que se passa na cabeça dos filhos, dos amigos, dos sócios, dos companheiros e de outros tantos; tornar mais agradável a convivência em seus espaços, sem tantas

* Escritor e advogado.

fofocas, brigas e mal-entendidos; achar um jeito de não perder tantos empregados; descobrir como se entender melhor com aqueles que você quer bem; nenhuma das alternativas acima, outra diferente e que você sabe muito bem qual é, ou, ainda, nenhuma dessas alternativas anteriores, mas você não tem claro, no momento, o motivo que o levou a querer ler este livro". São, sem dúvida, proposições capazes de estimular a curiosidade do leitor, instigando-o a uma leitura da qual sairá fatalmente beneficiado. Trata-se, portanto, de uma leitura indispensável para raspar as arestas nos contatos com o próximo no vai-e-vem da vida sem provocar ferimentos, o que não é nada fácil, como todos sabemos de experiência própria.

Como escreveu a crítica Diana de Almeida, "competente em tecnologia, quase sempre analfabetos no campo do conhecimento humano, a velocidade com que avançamos no desenvolvimento da máquina é inversamente proporcional à lentidão de formiga que permeia o avanço do desenvolvimento humano". Procurando avançar nesse caminho do conhecimento humano, a autora deste livro modelar começa duvidando da afirmativa de Sartre de que o inferno são os outros. E com a ajuda do leitor, espera entrever o paraíso, ainda que convivendo com esse outros.

A CONFRARIA

Homem de bom gosto e de iniciativa, aficcionado do livro, José Salles Neto criou a Confraria dos Bibliófilos do Brasil (CBB), com sede em Brasília e associados em todo o País. Seu objetivo é publicar livros importante para as letras ou a cultura nacionais, de preferência quando coincidem com alguma efeméride relacionada à obra ou seu autor, em edições de luxo e exclusivas para os associados, com os requintes da bibliofilia que fazem o encanto dos maníacos por livros. São publicações que tornam o livro em si uma obra de arte, valorizando ainda mais o conteúdo. O número de associados é limitado, mas ainda existem algumas vagas (Caixa Postal 8631 – CEP 70.312-970 – Brasília/DF).

Em sua curta, mas ativa existência, graças aos esforços de Salles Neto, a Confraria já comprovou que veio para ficar. Suas publicações até agora dadas a público, em número de cinco, têm merecido os melhores aplausos dos entendidos no assunto, associados e pessoas que a elas têm tido acesso.

Desde seu aparecimento, a Confraria publicou “O Quinze”, célebre romance de Rachel de Queiroz, “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, louvadíssimo conto de Guimarães Rosa, “Juca Mulato”, conhecidíssimo poema de Menotti Del Picchia, um dos livros mais publicados no País, com mais de 100 edições; “7 Contos de Hermann Lima”, retirando do ostracismo um magnífico contista, e, por fim, em junho 1999, “Prelúdio da Cachaça”, de Luiz Câmara Cascudo, coroando os festejos do centenário do mestre de Natal e recuperando uma obra muito curiosa, reveladora da espantosa erudição de nosso folclorista maior.

Como os demais, este lançamento é primoroso. É uma edição especial de 211 exemplares, em tamanho grande (30x30cm), numerados (cada associado tem seu número), assinados pelo ilustrador e pelo editor responsável. Ilustrado com xilogravuras exclusivas do gravurista pernambucano J. Borges, foi composto em linotipo, impresso em máquina semi-automática e com acabamento especializado. Trata-se, enfim, de um livro que em nada perde para aqueles feitos por entidades congêneres de todo o mundo e que em breve será disputado pelos colecionadores.

Nesse livro, creio que dos menos conhecidos da vasta obra de Cascudo, ele faz a etnografia, a história e a sociologia da aguardente no Brasil. Busca desvendar sua origem e identificação no correr dos tempos, sua presença e sua ausência, o folclore que a cerca, a técnica de sua fatura, cerimonial, sinônimos, cantigas e trovas, etiquetas e outros tantos assuntos, sempre naquele estilo personalíssimo que o Cascudo punha nos seus textos, escrevendo como quem fala, sentado na cadeira de balanço, para ouvintes atentos. Revelando, mais uma vez, aquele conhecimento seguro e vasto de que sua obra é o melhor testemunho. Com esse livro, Cascudo e a Confraria saem engrandecidos e nós, leitores associados, enriquecidos.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

✂ ————— ✂ ————— ✂ —————

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **2000** (Tomo 41). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome:

Endereço:

Bairro: Caixa Postal:

CEP: - Fone p/ contato:

Cidade: Estado:



.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau

BLUMENAU
em Cadernos

TOMO XLI
Janeiro de 2000 - N°. 01



“ A reconstituição de imagens femininas corre o risco de apenas reproduzir o mítico. Dar historicidade a estas imagens é buscar, não as suas origens ou causas, mas os momentos em que tais imagens são reativadas e proliferam. Demonstram, não somente a resistência dessas normas culturais, como também a importância das mulheres e de seu comportamento nos embates sociais. ”

Joana Maria Pedro : "Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe"

